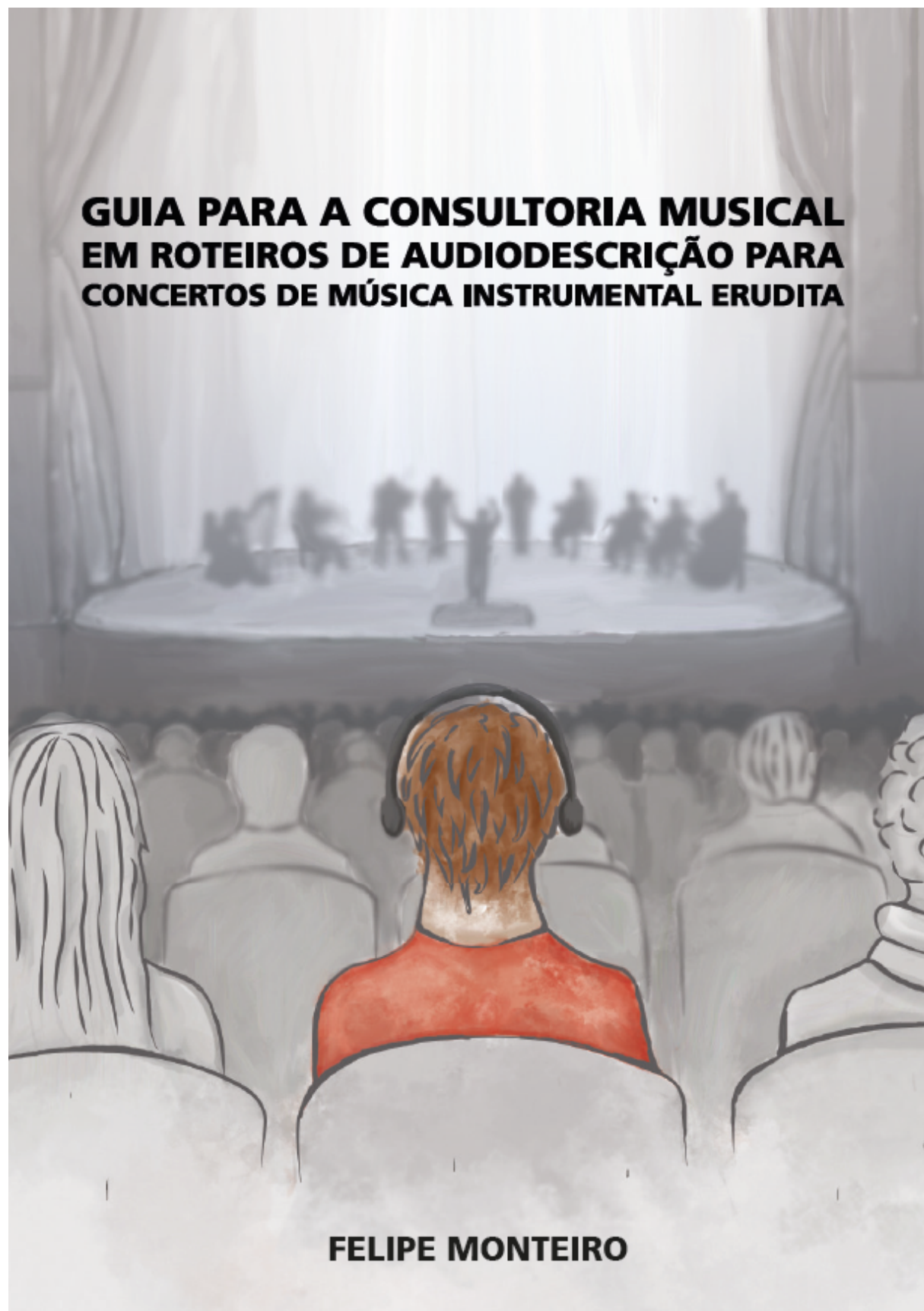


**GUIA PARA A CONSULTORIA MUSICAL EM ROTEIROS DE AUDIODESCRIÇÃO
PARA CONCERTOS DE MÚSICA INSTRUMENTAL ERUDITA**

FELIPE MONTEIRO



Audiodescrição da capa do Guia:

Imagem vertical em tons de cinza de uma apresentação musical. Ao fundo, desfocado, o palco com nove músicos em arco ao redor do maestro. A caixa cênica é alta e com longas cortinas nas laterais. A plateia é vista de costas. Na última fileira, no centro uma pessoa com fones de ouvido. É colorida com pinceladas aguadas de aquarela em amarelo na pele, marrom nos cabelos e vermelho, na blusa. No topo, em três linhas, em letras maiúsculas e pretas: guia para a consultoria musical em roteiros de audiodescrição para concertos de música instrumental erudita. E, no rodapé: Felipe Monteiro.

FELIPE MONTEIRO
2019

GUIA DE CONSULTORIA MUSICAL

**PARA ELABORAÇÃO DE ROTEIROS DE AUDIODESCRIÇÃO
PARA CONCERTOS DE MÚSICA INSTRUMENTAL ERUDITA**



Audiodescrição: Logotipo da editora Marca Visual. É composto pela letra M grafada em letra maiúscula e preta, com linhas retas. À direita, sobre a segunda "perna" da letra M, um triângulo cinza com uma das pontas para baixo, como uma seta. Abaixo, em letras minúsculas e pretas: marcavisual.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. APLICAÇÃO DO GUIA E DESTINATÁRIOS DO GUIA	8
3. SALAS DE CONCERTO	10
4. ORQUESTRAS	12
4.1 Instrumentos Musicais E Suas Descrições	14
5. FORMAÇÃO CONTINUADA	45
6. DIVULGAÇÃO	48
7. O ROTEIRO DE AUDIODESCRIÇÃO	50
7.1 Notas Introdutórias	50
7.1.1 Informações Do Concerto E Da Temporada	51
7.1.2 Maestro	51
7.1.3 Obras E Compositores	51
7.1.4 Equipe De Audiodescrição	52
7.1.5 Grupos Musicais	52
7.1.6 Músicos	52
7.1.7 Naipes	53
7.1.8 Descrição Dos Instrumentos	53
7.1.9 Descrição Da Sala De Concerto	53
7.1.10 Posicionamento Dos Músicos	54
7.1.11 Movimentos	54
8. DINÂMICA MUSICAL	56
8.1 Estrutura Do Roteiro	56
8.1.1 Movimentos Da Obra	56
8.1.2 <i>Link</i> De Referência	56
8.1.3 <i>Time Code</i>	57
8.1.4 Timbres E Naipes	57

8.1.5 Instrumentos Em Destaque	58
8.1.6 Instrumentos Em Solo	58
8.1.7 Instrumentos Em Acompanhamento	59
8.1.8 Dinâmica	59
8.1.9 Intensidade	59
8.1.10 Glossário De Termos Musicais	60
9. FRAGMENTO DE ROTEIRO E SENTENÇA COM CLASSIFICAÇÕES	69
SOBRE O AUTOR	72
LEITURAS RECOMENDADAS	74

Dedico este trabalho à minha amiga Lívia Motta por oportunizar o desenvolvimento da associação das minhas duas áreas de atuação: música e audiodescrição. Também ao meu amigo e orientador Eduardo Cardoso por estar sempre disponível e interessado pelos meus projetos.

Audiodescrição do projeto gráfico editorial do Guia:

O livro tem o formato 15 centímetros de largura por 21 de altura, com páginas brancas e texto em preto. Cada capítulo tem uma capa de sessão com uma ilustração, como o capítulo a seguir.



À esquerda, ilustração vertical de um clarone. Desenho à mão em linhas pretas sobre fundo branco e mancha de aquarela aguada em tons de cinza.

1. INTRODUÇÃO

Este guia apresenta uma proposta de abordagem sobre consultoria musical para a elaboração de roteiros de audiodescrição para concertos de música instrumental erudita, partindo da minha experiência como bacharel e licenciado em música, além de ser professor de piano, teclado, flauta doce, percepção musical e musicalização infantil há mais de 27 anos. Também sou especialista em audiodescrição e em acessibilidade cultural e atuo como consultor nessas áreas.

Ainda, a partir de 2018, surgiu o convite feito pela empresa “Ver com Palavras Audiodescrição” (www.vercompalavras.com.br) para iniciar o processo de consultoria musical para estruturação e elaboração de roteiro de audiodescrição voltado para este tipo de espetáculo específico.

A partir da prática profissional, percebi a carência de estudos acadêmicos sobre o tema, por isso senti a necessidade de fazer uma pesquisa e criar este trabalho com orientações de como introduzir a audiodescrição em concertos.

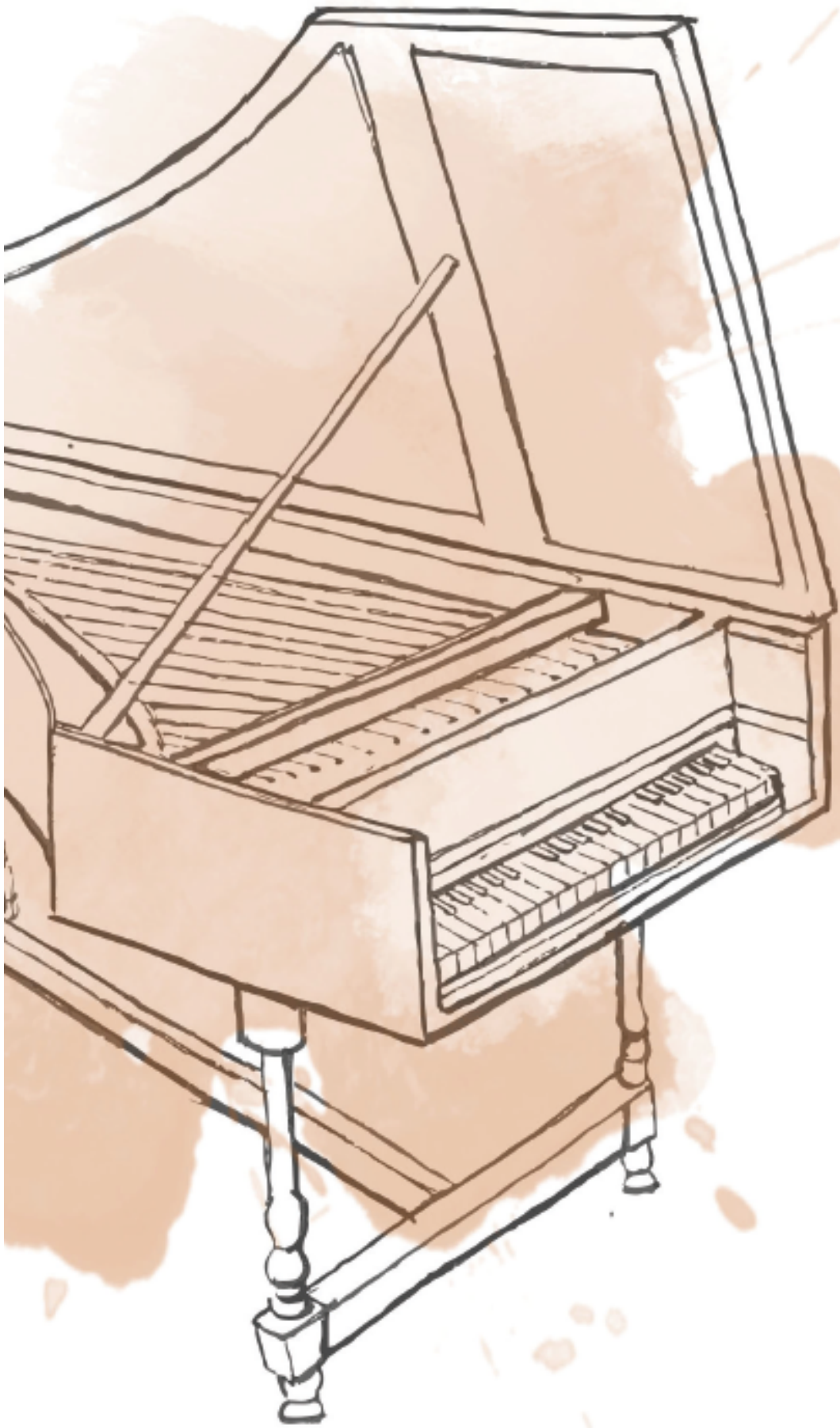
Assim, este guia não traz conteúdo de formação de um profissional em música ou em audiodescrição, mas sugestões de estruturação de roteiro de audiodescrição para eventos musicais como os concertos. Todavia, vale ressaltar a importância de mais estudos e formação tanto na área da música quanto na área da audiodescrição, com vistas ao aprofundamento e à qualificação.

Neste guia serão abordadas questões como:

- Onde este se aplica e a quem se destina;
- Considerações sobre as salas de concertos, orquestras, instrumentos musicais e suas respectivas descrições;
- Apontamentos sobre cada item do roteiro final de audiodescrição para concertos como notas introdutórias;
- Informações sobre o concerto e a temporada, maestro, obras e compositores, equipe de audiodescrição, grupos musicais, músicos, naipes, descrição dos instrumentos e da sala de concerto, posicionamento dos músicos e movimentos;
- Formação continuada e estratégias de divulgação.

Também há um detalhamento em relação ao roteiro da dinâmica musical, com itens como estrutura do roteiro, movimentos da obra, link de referência, time code (tempo de referência), timbres e naipes, instrumentos em destaque, instrumentos em solo, instrumentos em acompanhamento, dinâmica, intensidade e glossário de termos musicais.

Por fim, a exemplo, apresento um fragmento de um roteiro da dinâmica musical com classificações das sentenças quanto ao timbre, instrumentos em destaque, instrumento em solo, instrumento em acompanhamento, dinâmica, intensidade e termos técnicos.



À esquerda, ilustração vertical de um cravo. Desenho à mão em linhas pretas sobre fundo branco e mancha de aquarela aguada em tons de marrom claro.

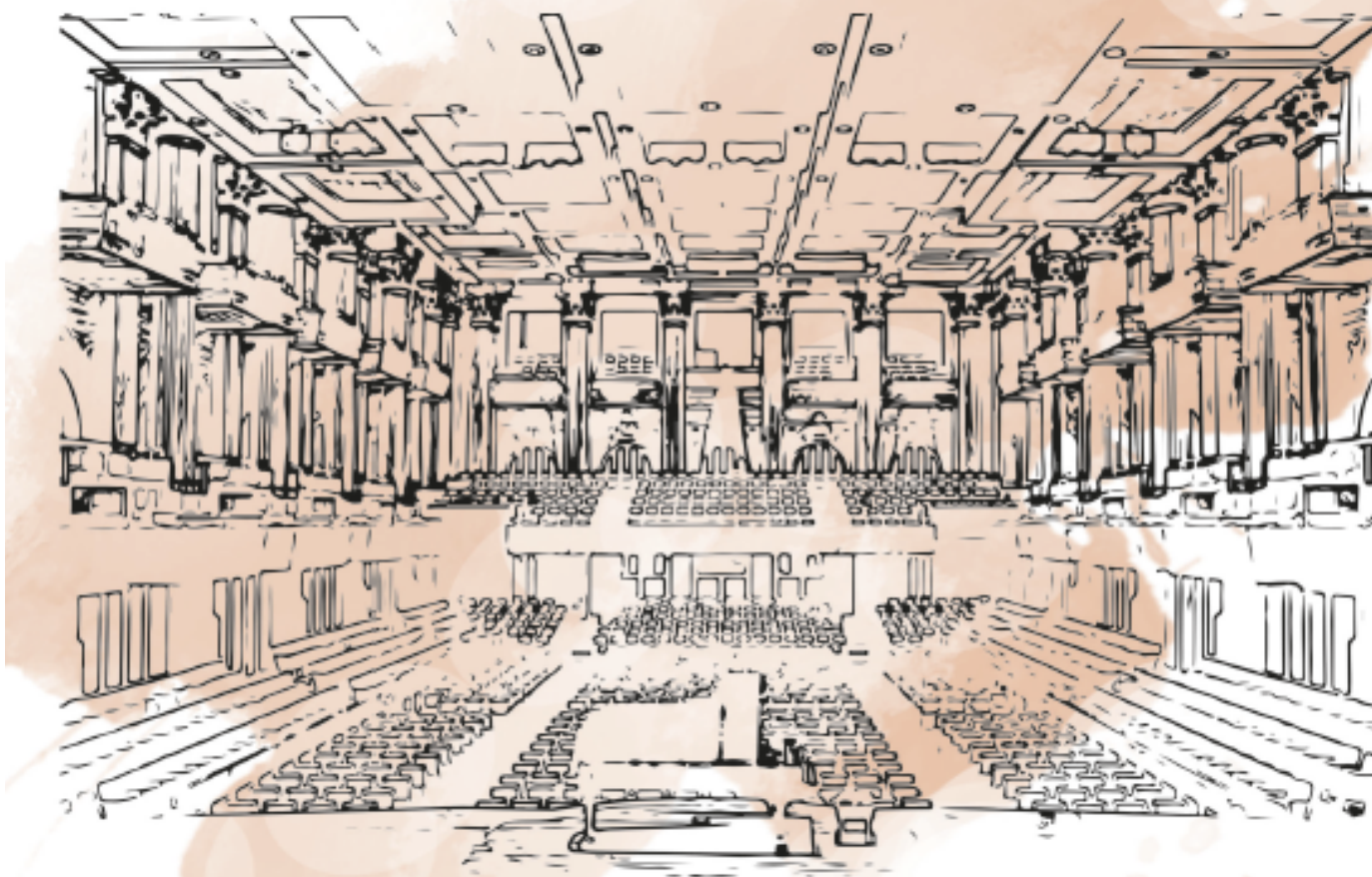
2. APLICAÇÃO E DESTINATÁRIOS DO GUIA

Este material poderá ser útil para a elaboração de roteiros de audiodescrição para espetáculos musicais. O guia traz, principalmente, informações de como estruturar um roteiro para concertos de música instrumental erudita, mas com certeza pode ser referência para a utilização em outros formatos, tais como: apresentações de quartetos de cordas, música de câmara, música barroca, música antiga, coros adultos e infantis, solo vocal com acompanhamento, solo instrumental melódico com acompanhamento instrumental harmônico, *big band*, bandas sinfônicas, fanfarras, grupos de percussão, entre outros.

O conhecimento sobre audiodescrição é de fundamental importância, pois será necessário que o profissional entenda a importância do recurso, tal qual a sua aplicação, em que contextos esta pode ser utilizada, como pode ser reproduzida e para qual público se destina. Assim como também será necessário compreender como estruturar um roteiro, elaborar sentenças, utilizar *time code* (tempo de referência), fazer pesquisas sobre o local do concerto, repertório, compositores, regentes, músicos convidados, áudio ou vídeo de referência. Por fim, é de extrema importância a vivência em espaços culturais, apresentações musicais e concertos.

Do mesmo modo, é importante o conhecimento sobre música para a compreensão a respeito de melodia, ritmo, harmonia, pulsação, compassos, distinção de timbres, reconhecimento de frases musicais e estilos, além do entendimento acerca do processo de musicalização, de obras e sua estrutura, grandes compositores, estruturação da orquestra, importância de atores como *spalla*, *concertinho* e o maestro. Ademais, é de suma importância ser frequentador de concertos e de espetáculos musicais.

Assim, este guia pode ser utilizado por profissionais da audiodescrição, como roteiristas, narradores, consultores, assim como por todos aqueles que pretendem estudar e trabalhar com audiodescrição, tendo conhecimentos sobre música.



No centro, ilustração horizontal de uma grandiosa sala de concerto, vista do palco em direção à plateia e aos camarotes. No palco, um piano de cauda. A plateia é distribuída em três fileiras, com um mezanino ao fundo. Nas laterais e no alto, dois andares de camarotes. Altos pilares marcam a divisão dos camarotes e a plateia alta, atrás do mezanino. Desenho à mão em linhas pretas sobre fundo branco e mancha de aquarela aguada em tons de marrom claro.

3. SALAS DE CONCERTO

As músicas das tribos pré-históricas europeias eram realizadas em cavernas. Com isso houve a influência em templos e igrejas que, atualmente, possuem tal nível de reverberação. Inicialmente os locais de apresentações de grupos de entretenimento, políticos e militares eram em áreas externas. Entretanto, com o passar do tempo, sentiu-se a necessidade de locais específicos para tais apresentações. Esses locais foram desenvolvendo-se e aprimorando-se conforme a percepção da acústica encontrada em cada um deles, assim como adequando-se à estética sonora que se procurava para uma melhor transmissão do que se pretendia.

Com o passar do tempo, a plateia foi posicionada em frente aos artistas que estavam se apresentando. As culturas romana e grega tiveram grande influência no desenvolvimento destes locais.

Inicialmente as orquestras localizavam-se na parte de trás do palco, na sequência no balcão da lateral e por fim foi criado o fosso, como conhecemos hoje, na parte de baixo do palco.

As primeiras salas de concerto surgiram na segunda metade do século XVIII com os primeiros grupos sinfônicos que sentiram a necessidade de locais específicos para as apresentações. A partir daí as composições eram pensadas para os locais onde seriam executadas.

No Brasil temos grandes salas como: Classic Hall (www.classichall.com.br), situada entre as cidades de Recife e Olinda no Estado de Pernambuco, construída em 2001; Jeunesse Arena (www.jeunessearena.com.br), maior arena multiuso da América Latina, situada na cidade do Rio de Janeiro, inaugurada em 2007; Siará Hall, situada na cidade de Fortaleza no Estado do Ceará, inaugurada em 2005; Stage Music Park (www.stagemusicpark.com.br), situada na cidade de Florianópolis no Estado de Santa Catarina, inaugurada em 2010; Credicard Hall Rio de Janeiro (www.credicard.com.br/credicard-hall), localizada na cidade maravilhosa desde 1994, com capacidade para 8500 pessoas; e Espaço das Américas (www.espacodasamericas.com.br), situado na cidade de São Paulo, inaugurado em 2002, com capacidade para 8000 pessoas.

Entre as 10 melhores salas de concerto do mundo está a Sala São Paulo (www.salasaopaulo.art.br), sede da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo e do Coro da OSESP, localizada na Praça Júlio Prestes, com capacidade para 1498 espectadores e 22 camarotes.

Assim como é importante frequentar concertos, é aconselhável que o profissional da audiodescrição conheça algum dos espaços citados para entender a dimensão, estrutura, acústica e dinâmica de trabalho.



No centro, ilustração horizontal de parte de uma orquestra, com o maestro no centro e ao fundo, rodeado de músicos, vistos de costas. Estão sentados, tocam instrumentos do naipe de cordas e tem partituras à sua frente. Desenho à mão em linhas pretas sobre fundo branco com contornos em pinceladas de aquarela aguada em tons de amarelo.

4. ORQUESTRAS

O nome “orquestra” tem origem grega e significa local destinado à dança. Antigamente, os espetáculos eram apresentados em anfiteatros e a orquestra ficava no espaço situado na parte frontal do palco onde se localizavam os dançarinos e os coristas, local em que também ficavam os instrumentistas. Anos depois as óperas começaram a ser executadas e o espaço entre o público e o palco também foi denominado de orquestra. Atualmente, entende-se orquestra como um conjunto de instrumentos reunidos com intenção de execução de uma obra musical.

Berlioz foi quem definiu a configuração de orquestra que conhecemos hoje, a qual tem entre 80 e 100 músicos. Essa quantidade de instrumentistas depende da obra a ser executada e é definida pelo compositor, conforme sua intenção de transmitir a composição.

As orquestras completas têm diferentes denominações. Orquestras filarmônicas são aquelas financiadas por empresas e que não têm fins lucrativos, enquanto as orquestras sinfônicas têm financiamento advindo do estado.

Uma orquestra terá, tipicamente, mais de oitenta músicos, em alguns casos mais de cem, conforme a obra reproduzida.

Uma orquestra dispõe de quatro famílias de instrumentos (naipes):

- As cordas (violinos, violas, violoncelos, contrabaixos, harpas);
- As madeiras (flautas, flautins, oboés, corne inglês, clarinetes, clarinete baixo, fagotes, contrafagotes);
- Os metais (trompetes, trombones, trompas, tubas);
- Os instrumentos de percussão (tímpanos, triângulo, caixas, bombo, pratos, carrilhão sinfônico, etc.);
- Os instrumentos de teclas (piano, cravo, órgão).

O posicionamento dos músicos em uma orquestra é em semicírculo e de forma padronizada, dividida em naipes: cordas (à frente do palco), madeiras (na sequência), metais (ao centro) e percussão (atrás).

Para entendimento da temática, é de fundamental importância conhecer as principais orquestras pelo mundo. Internacionalmente podemos citar a Filarmônica de Berlim, a Filarmônica de Nova York e a Filarmônica de Jerusalém. No âmbito nacional temos: Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo; Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo; Orquestra Jazz Sinfônica do Estado de São Paulo; Orquestra Experimental de Repertório, em São Paulo; Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal; Orquestra Sinfônica Brasileira; Orquestra Petrobrás Pró-Música, no Rio de Janeiro; e Orquestra do Teatro Nacional, em Brasília.

Outro ponto importante relacionado ao estudo do tema é que, a partir de uma conferência internacional ocorrida em 1939, definiu-se que a nota lá, a qual compreende 440 vibrações por segundo, seria a nota padrão para afinação das orquestras. Essa condução fica a encargo do oboé ou do violino do *spalla* que é

um músico que possui ouvido absoluto. Essa afinação ocorre minutos antes do início do concerto.

4.1 Instrumentos musicais e suas descrições

CORDAS

As cordas são compostas por harpa, violino, viola, violoncelo e contrabaixo.

HARPA



A harpa é um instrumento musical do naipe de cordas, em formato de triângulo. É composta pela caixa de ressonância, coluna, pescoço, cordas e, por vezes, pedais. As cordas são atadas por cravelhas - peça em que se enrola a ponta superior das cordas de um instrumento para que elas sejam tensionadas. A caixa de ressonância parte do piso, em diagonal, até o ombro do músico. O pescoço, no alto, une em arco a caixa de ressonância à coluna, que desce até o piso. As cordas partem da caixa de ressonância, verticalmente, até o pescoço. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada marrom clara.

VIOLINO



O violino é o menor e mais agudo dos instrumentos musicais do naipe de cordas, friccionadas e percutidas por arco. É composto por uma caixa de ressonância em madeira com formas curvas e um braço longilíneo com quatro cordas, com afinação da mais aguda à mais grave. As cordas vão do estandarte triangular, na parte inferior da caixa de ressonância, até o topo do braço, junto à voluta, ornamento em espiral. As cordas são presas por cravelhas, pequenas peças em madeira, duas em cada lado do braço. No centro da caixa os efes ou aberturas acústicas, uma de cada lado, divididas pelas cordas. Próximo ao estandarte, à esquerda, a queixeira, peça anatômica para acomodar o violino ao maxilar. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada marrom clara.

VIOLA



A viola, também chamada viola de arco ou alto, é um instrumento musical do naipe de cordas, friccionadas e percutidas por arco, como o violino. Porém, tem som mais encorpado, doce e mais grave. Na sequência, está no intermédio entre o violino e o violoncelo. É muito semelhante na maneira de se tocar e inclusive visualmente, sendo apenas um pouco maior. É composto pelas mesmas partes do violino. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada marrom clara.

VIOLONCELO



O violoncelo é um instrumento musical do naipe de cordas, friccionadas e percutidas por arco, semelhante visualmente à viola e ao violino, porém bem maior, com medida variável, geralmente próximo à altura dos ombros de uma pessoa. É composto pelas mesmas partes do violino e da viola, com adição do espigão, peça alongada como uma agulha que fica abaixo do estandarte, para apoiar o violoncelo no chão. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada marrom clara.

CONTRABAIXO

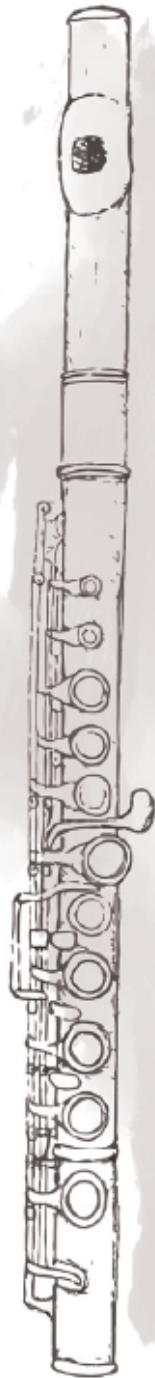


O contrabaixo é um instrumento musical do naipe de cordas, friccionadas e percutidas por arco, com o registro mais grave e também o maior tamanho, o que faz com que, geralmente, as suas performances sejam feitas por músico em pé ou apoiando-o em um banco alto, ao contrário do violoncelista que geralmente fica sentado. Com medida variável, tem cerca de um metro e noventa centímetros de altura. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada marrom clara.

MADEIRAS

As madeiras são compostas por flauta, flautim, clarinete, oboé, fagote, corne inglês, clarone, saxofone e contrafagote.

FLAUTA



A flauta é um instrumento musical de sopro do naipe das madeiras, com formato de um tubo com orifícios. A flauta transversal, também chamada de flauta transversa, apesar de atualmente ser fabricada em metal, originalmente era de madeira. Por isso, até hoje, é classificada no naipe das madeiras. É composta por três partes: cabeça, corpo e pé, com setenta centímetros de comprimento e dois de diâmetro, em média. Na cabeça ou bocal, com o porta-lábios e o orifício de sopro. No corpo, parte central, encontram-se as chaves, hastes metálicas ligadas a tampas circulares com e sem orifícios, que ao serem tapados ou apertados produzem os sons. O pé é o menor componente, com o restante das chaves, que quando fechadas produzem os sons mais graves. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada cinza.

FLAUTIM



O flautim ou pÍcolo é uma pequena flauta que possui a mesma registro e sequênciada escala da flauta transversal, porém uma oitava acima. É constituído por um pequeno tubo de cerca de 33 centímetros de comprimento e um bocal. Segue a mesma constituição da flauta, com as chaves no corpo e o bocal na extremidade. Foi introduzido na orquestra no século XIX na música erudita moderna. Produz o som mais agudo da orquestra. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada amarela.

CLARINETE



O clarinete, também chamado de clarineta, é um instrumento musical de sopro do naipe das madeiras, composto por um tubo cilíndrico com cerca de 70 centímetros. Geralmente de madeira, tem uma boquilha cônica com uma palheta na extremidade, onde se sopra. Seguida pelo barrilete, usado para afinação. Os corpos superior e inferior, com diversas chaves metálicas que abrem ou fecham orifícios ao longo do tubo; e uma campana em forma de sino na outra extremidade, com função de amplificação do som do clarinete. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada cinza.

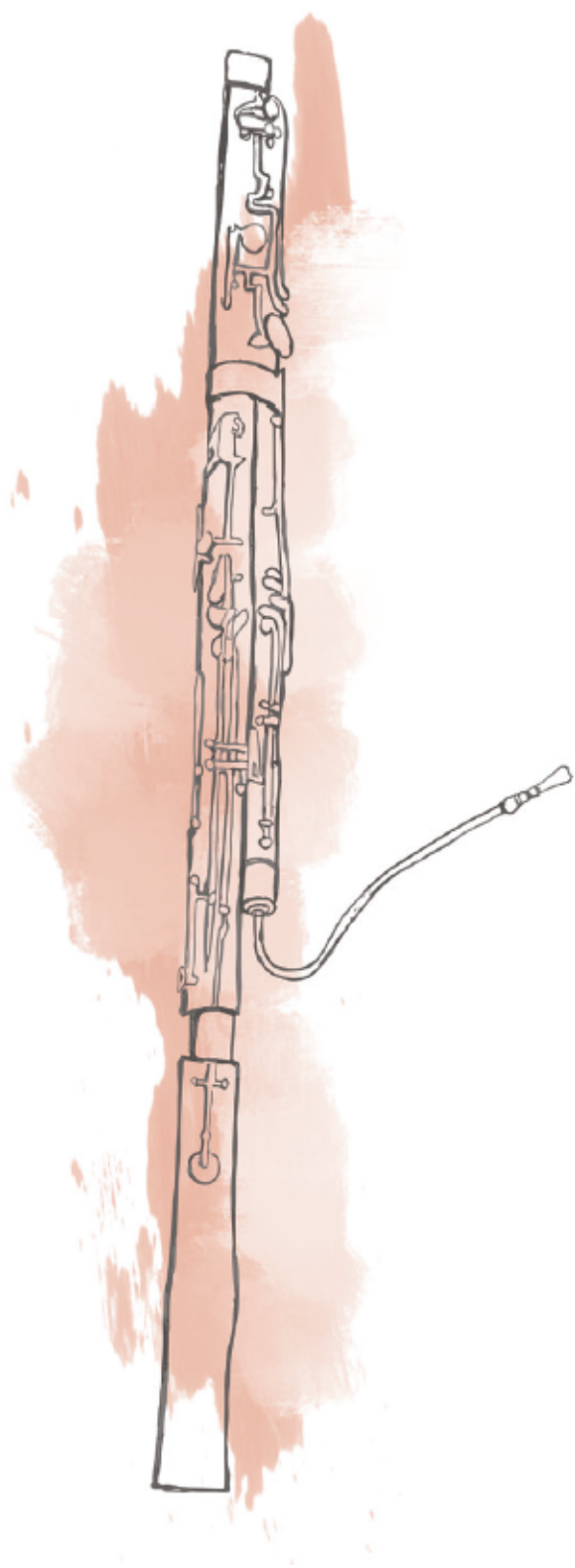
OBOÉ



O oboé é um instrumento musical de sopro do naipe das madeiras, geralmente feito de madeira escura, como o ébano. Com aproximadamente 67 centímetros de comprimento e corpo ligeiramente cônico. É dividido em quatro partes: palheta dupla numa das extremidades, registro alto/médio e registro baixo formando o corpo, e campana cônica na outra extremidade.

Tem ainda um tubo de metal ao longo da lateral. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada cinza.

FAGOTE



O fagote também é um instrumento musical de sopro do naipe das madeiras que possui o sistema de palheta dupla, assim como o oboé. É constituído por um longo tubo cônico de madeira com dois metros e meio, dobrado sobre si mesmo. Tem uma campana na parte superior, um corpo central, onde tem a dobra do instrumento, seguido pela asa, parte que se estende até o bocal ou tudel, um fino tubo de metal que liga o corpo do instrumento musical à palheta dupla, que é levada à boca. Por estar dobrado sobre si mesmo mede cerca de um metro e trinta centímetros de altura. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada vermelha.

CORNE INGLÊS



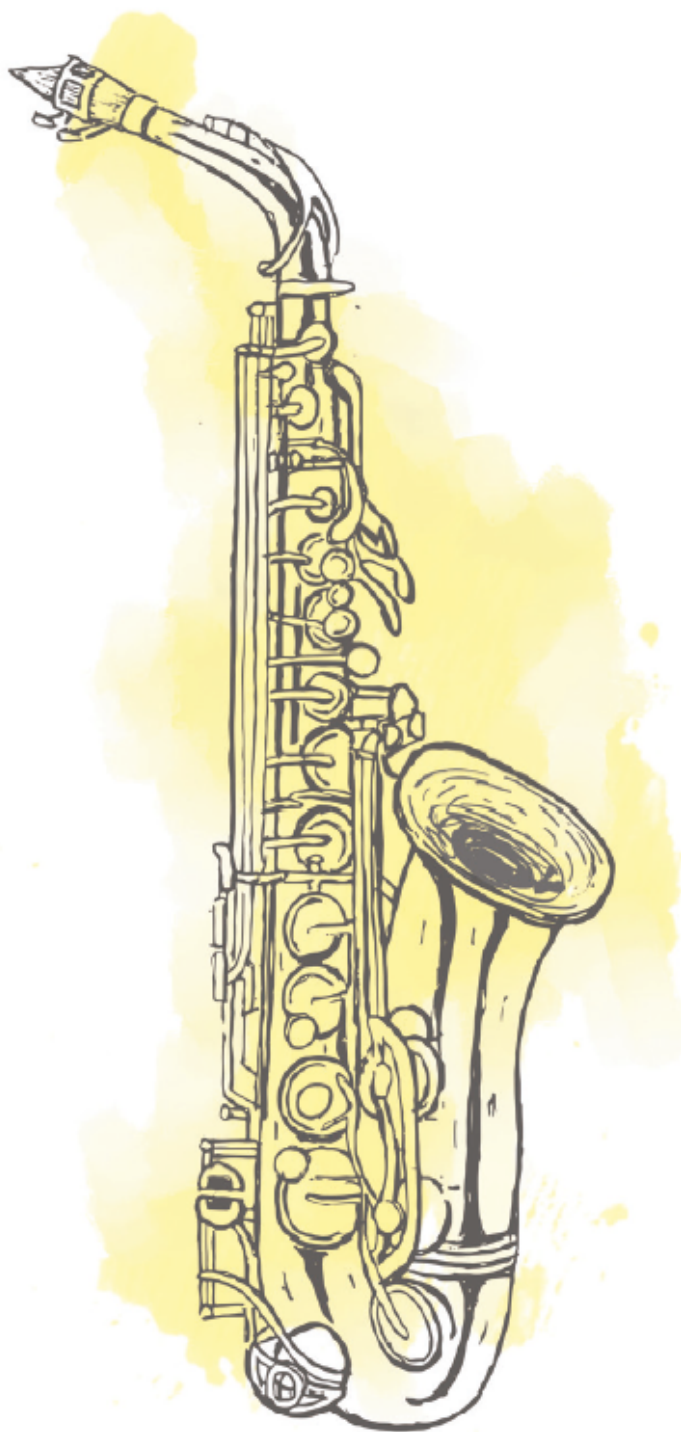
O corno inglês também é um instrumento musical de sopro do naipe das madeiras que possui o sistema de palheta dupla, assim como o oboé. É composto pelas mesmas partes do oboé, porém mais grave e maior do que o oboé. Geralmente o instrumentista necessita de uma alça no pescoço para auxiliar o suporte, como no caso do fagote e de alguns tipos de saxofone. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada cinza.

CLARONE



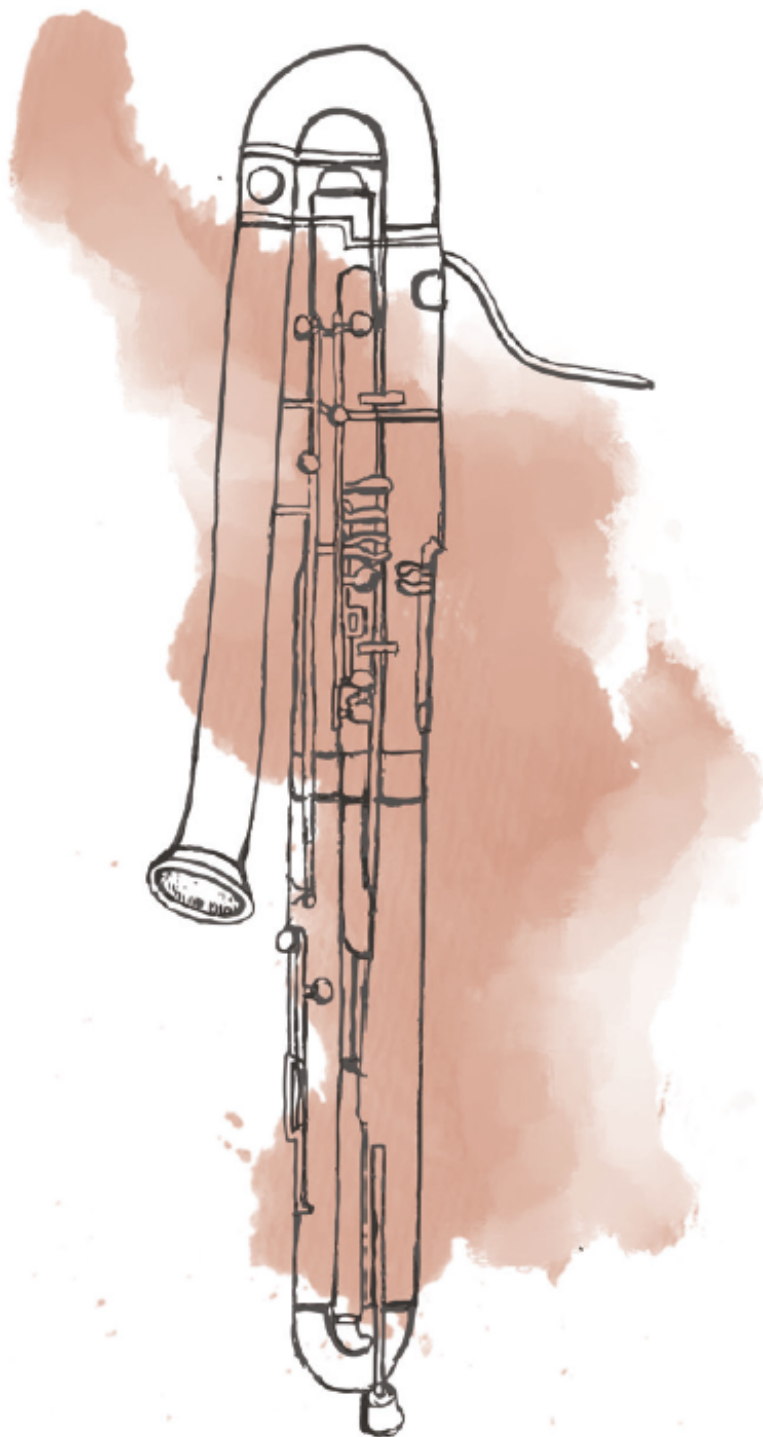
O clarone, também conhecido como clarone baixo ou clarinete baixo, é um instrumento musical de sopro do naipe das madeiras. É composto pelo corpo, com diversas chaves metálicas que abrem ou fecham orifícios ao longo do tubo. Na extremidade superior tem o tudel, fino tubo curvo com bocal, e a campana curva na extremidade inferior, além de um espigão para apoiar o instrumento no piso. Um solista pode tocá-lo também de pé com o suporte de correias. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada cinza.

SAXOFONE



O saxofone é um instrumento musical de sopro do naipe das madeiras. De medida variável, geralmente tem entre noventa centímetros a um metro e dez centímetros de comprimento. É composto pelo corpo, com mais de vinte chaves metálicas que abrem ou fecham orifícios ao longo do tubo principal. Na extremidade superior tem o pescoço, parte curva que liga à boquilha, encaixada na parte mais fina do saxofone e na qual é fixada a palheta, onde se sopra. E, na outra extremidade uma curva une o corpo à campana, também levemente curvada para fora. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada amarela.

CONTRA FAGOTE

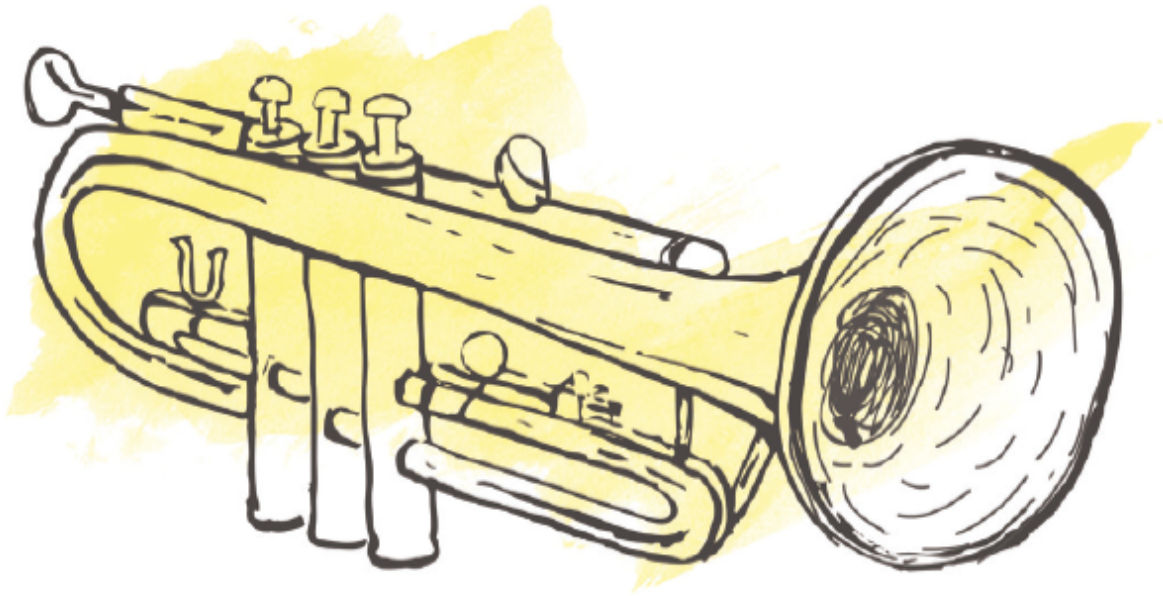


O contra fagote também é um instrumento musical de sopro do naipe das madeiras que possui o sistema de palheta dupla, assim como o fagote, porém maior, pesando cerca de 10 kg, e soando uma oitava abaixo. É composto pelas mesmas partes do fagote, mas é dobrado duas vezes sobre si mesmo. Assim, o tubo do corpo central tem uma dobra curva na parte inferior e outra na parte superior. Em uma das extremidades, tem uma campana virada para baixo, depois da curva superior, e um bocal ou tudel, próximo à outra extremidade, virado para o lado. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada vermelha.

METAIS

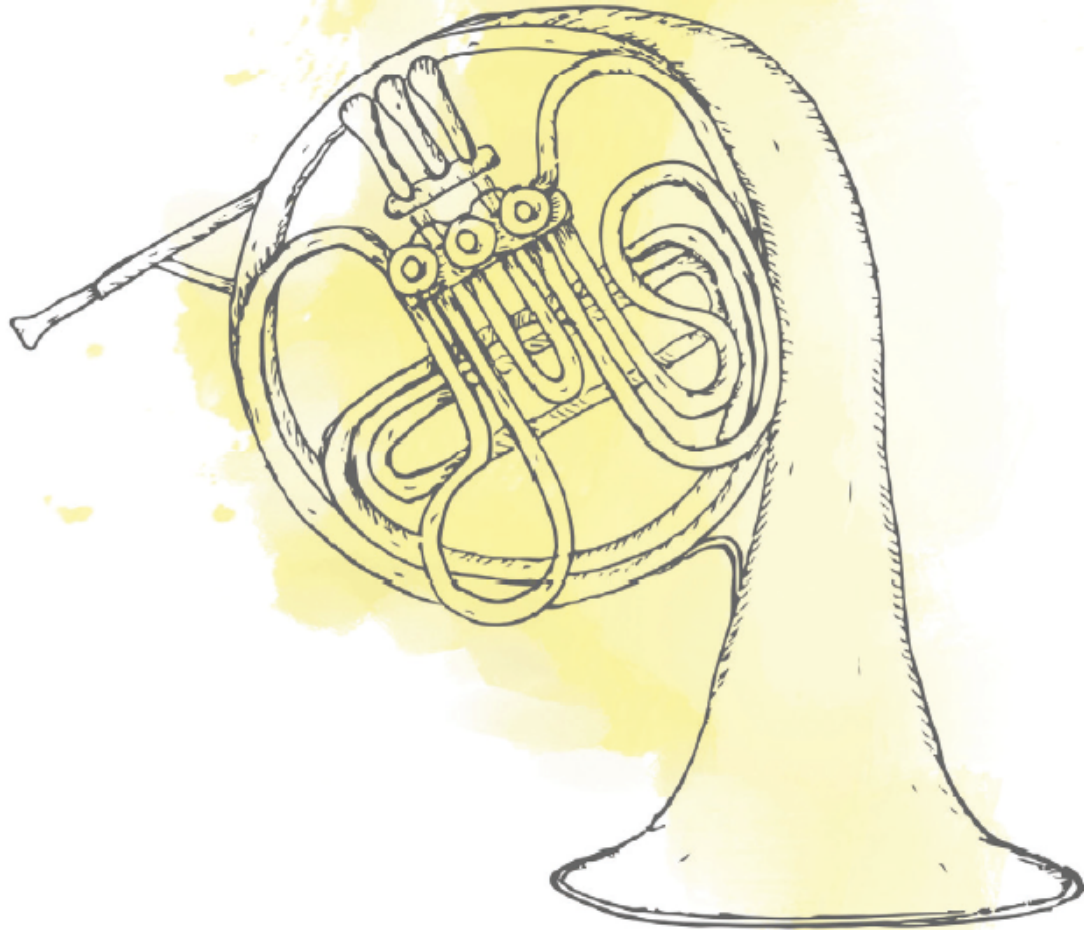
Os metais são compostos por trompete, trompa, trombone e tuba.

TROMPETE



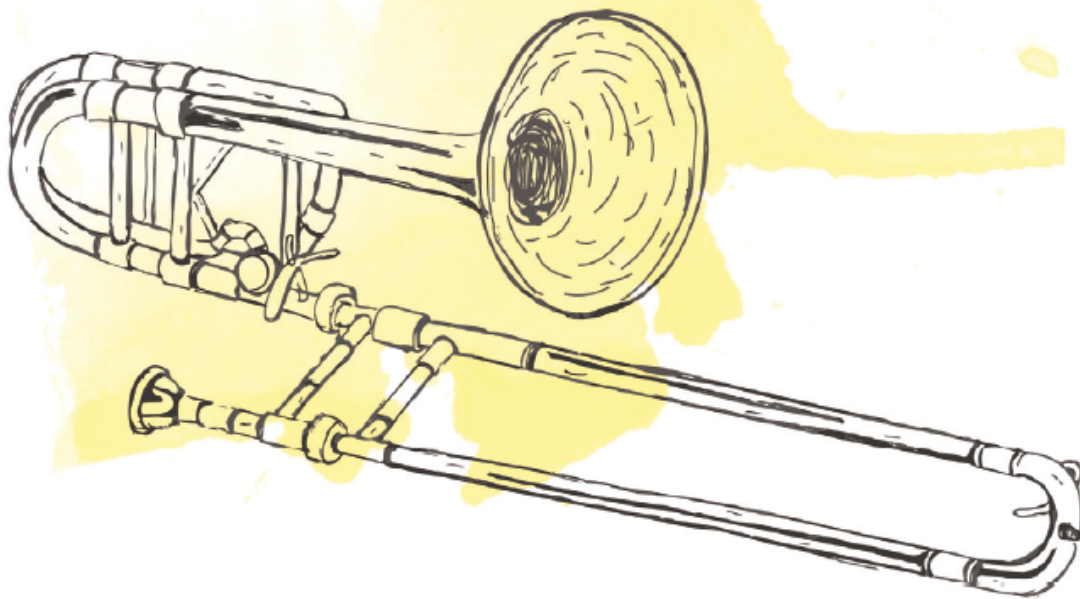
O trompete é um instrumento musical de sopro do naipe de metais, também conhecido como Pistão. Feito em metal, é composto por um corpo central em tubo metálico cilíndrico dobrado sobre si mesmo duas vezes, com uma curva para cada lado. Em uma das extremidades tem o bocal e na outra a campana, responsável pela amplificação do som. No meio do corpo têm os pistões ou chaves, que controlam a distância a ser percorrida pelo ar no interior do instrumento até a campana. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada amarela.

TROMPA



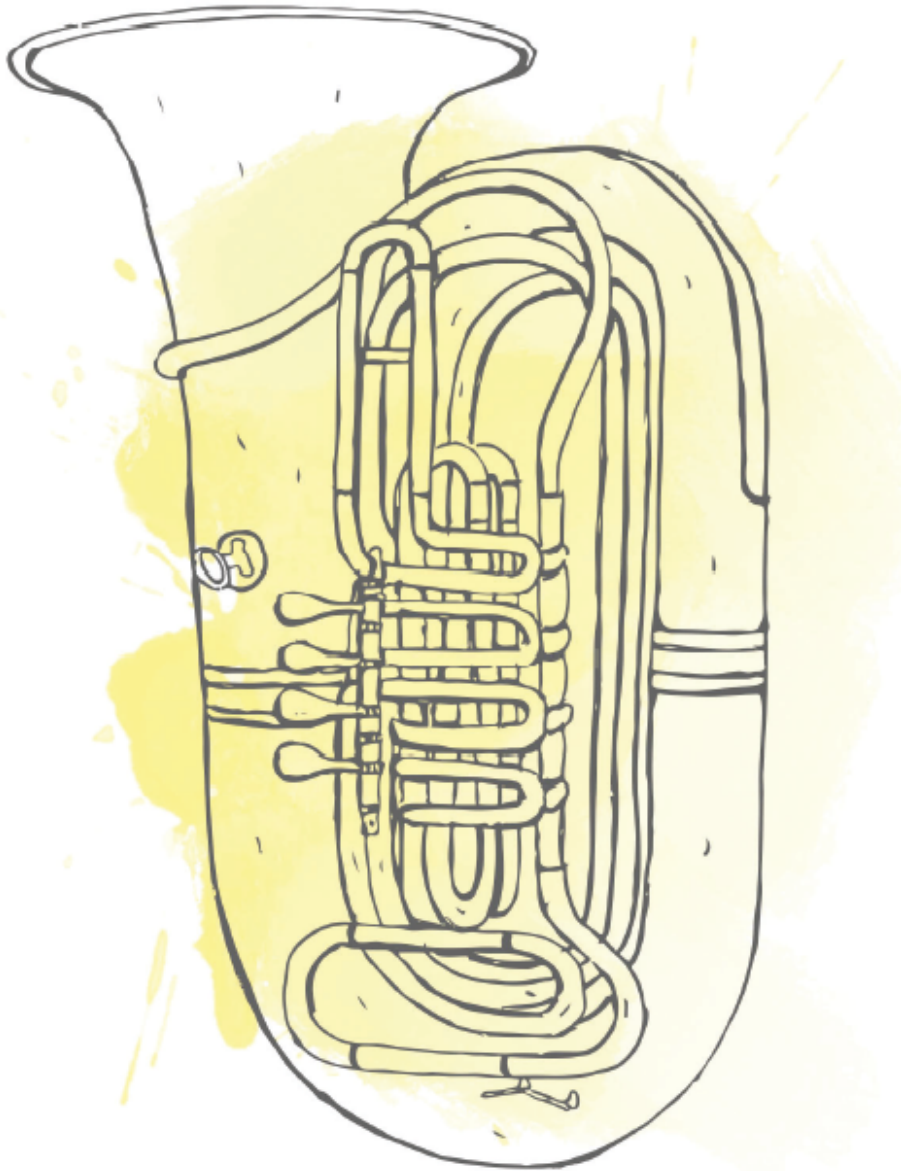
A trompa é um instrumento musical de sopro do naipe de metais. Consiste em um tubo metálico cilíndrico, levemente cônico, de aproximadamente 4 metros de comprimento. É enrolado várias vezes sobre si mesmo, com um fino bocal numa das extremidades e uma grande campana, ou pavilhão na outra. Tem um sistema de pistão-válvula munido de três, quatro ou até cinco válvulas. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada amarela.

TROMBONE



O trombone é um instrumento musical de sopro do naipe de metais, sendo o único com duas varas deslizantes em forma de “U” alongado. Em uma das varas tem na extremidade um pequeno bocal em forma de taça e dois finos braços que unem as hastes do “U”. A outra vara, usualmente, fica apoiada no ombro do músico e tem na extremidade uma campana em forma de sino. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada amarela.

TUBA



A tuba é um instrumento musical de sopro do naipe de metais. Consiste num tubo cilíndrico recurvado sobre si mesmo; um bocal em uma das extremidades, num fino tubo lateral; três a cinco pistões; e, na extremidade superior, termina numa grande campana em forma de sino. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada amarela.

PERCUSSÃO

A percussão é composta por tímpano, caixa, prato, pandeiro, triângulo, bumbo, vibrafone, carrilhão, castanholas, entre outros que podem ser inseridos por conta da composição.

TÍMPANOS



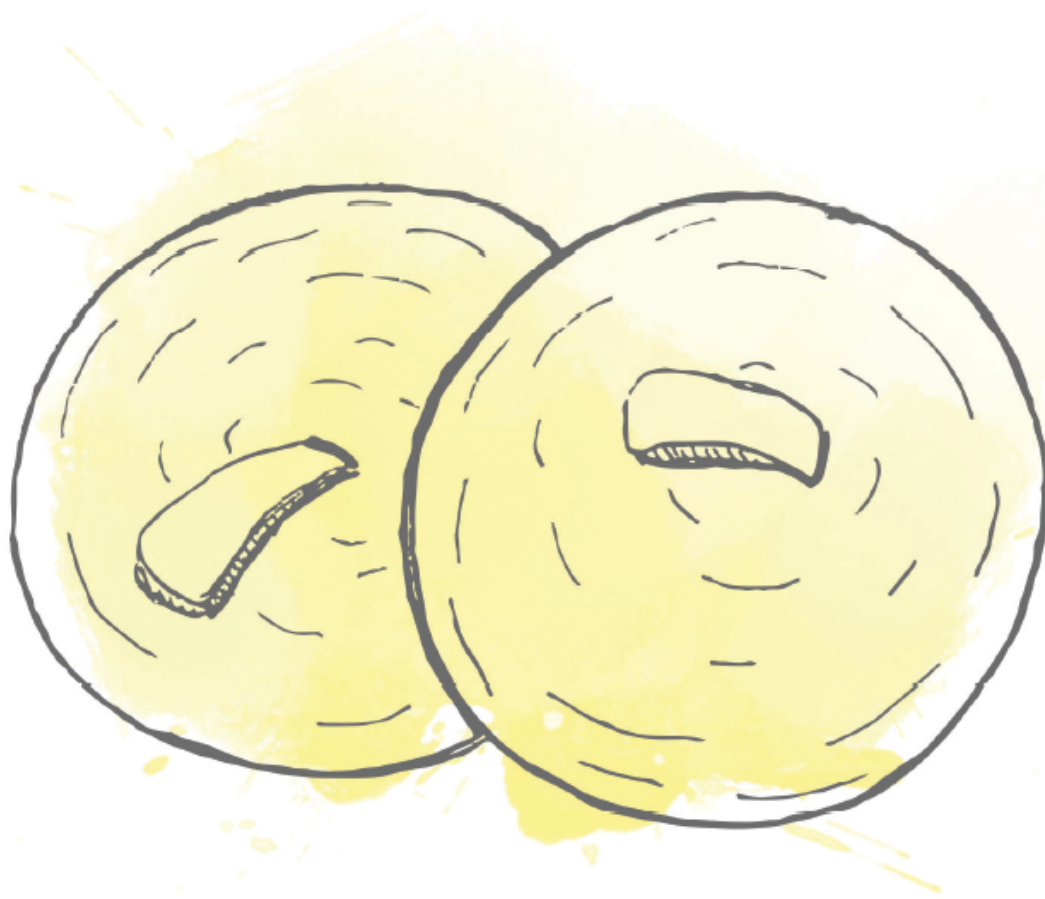
Os tímpanos, no plural por serem tradicionalmente tocados com um mínimo de dois tambores, são um instrumento musical do naipe de percussão. O instrumento é composto por uma base arredondada, como a metade de uma esfera, com cerca de 60 centímetros de diâmetro, e uma membrana, plana e de formato circular, esticada e presa por um aro na parte superior. A membrana pode ser ajustada por meio de chaves metálicas que ficam ao redor do aro. A base fica suspensa por pés metálicos e junto aos pedais de afinamento. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada marrom clara.

CAIXA



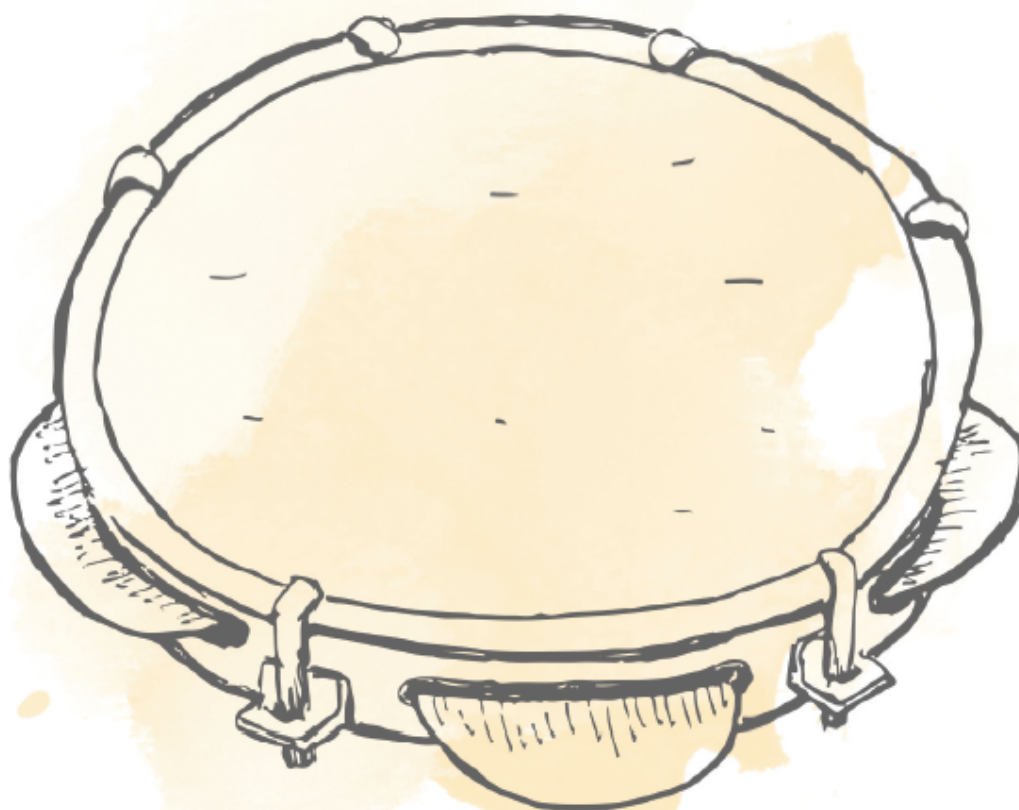
A caixa é um instrumento musical do naipe de percussão. É um tipo de tambor composto por um corpo cilíndrico de pequena seção, com duas peles fixadas através de aros metálicos e uma esteira de metal, constituída por pequenas molas de arame colocada em contato com a pele inferior, que vibra através da ressonância produzida sempre que a pele superior é percutida, produzindo um som repicado. O percussionista executa a caixa com duas baquetas, geralmente de madeira ou com pequenas escovas. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada marrom clara.

PRATO



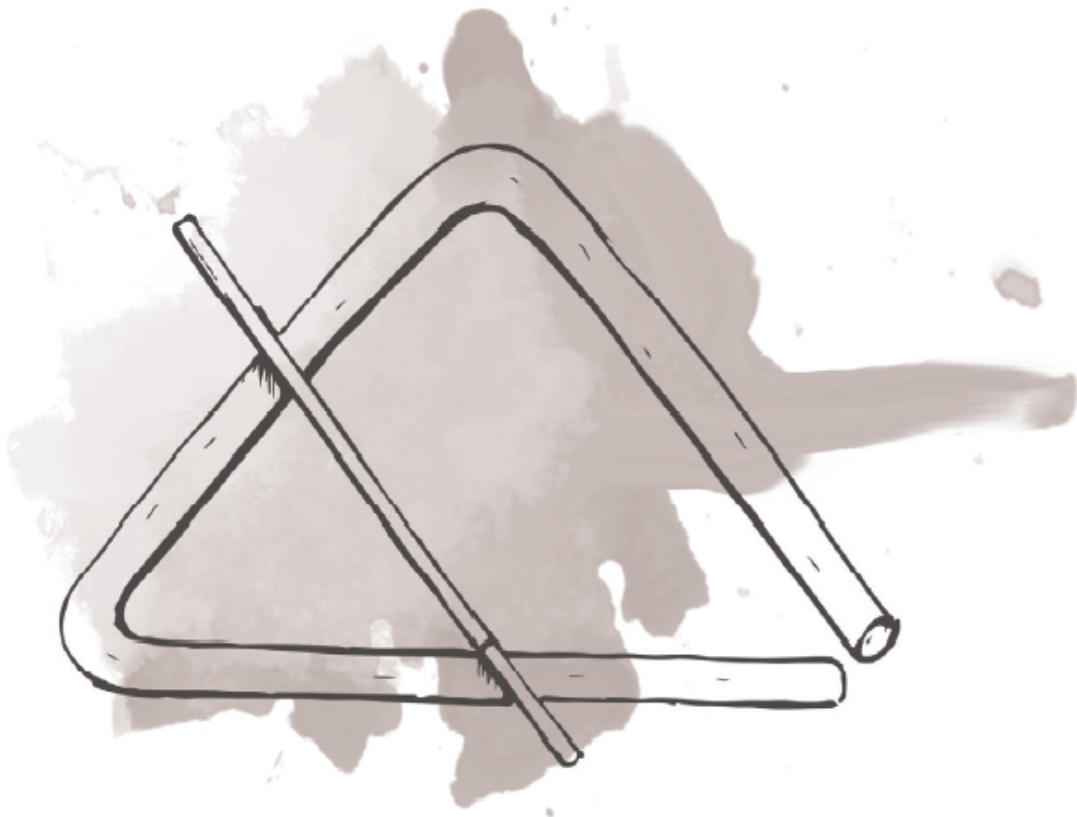
O prato ou címbalo é um instrumento musical do naipe de percussão. Construído a partir de uma liga de metal, à base de bronze, cobre e/ou prata. Tem a forma de um disco em metal com alças próprias para serem segurados. Podem ser percutidos com um par de baquetas em madeira, ou golpeando-se um prato contra o outro. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada amarela.

PANDEIRO



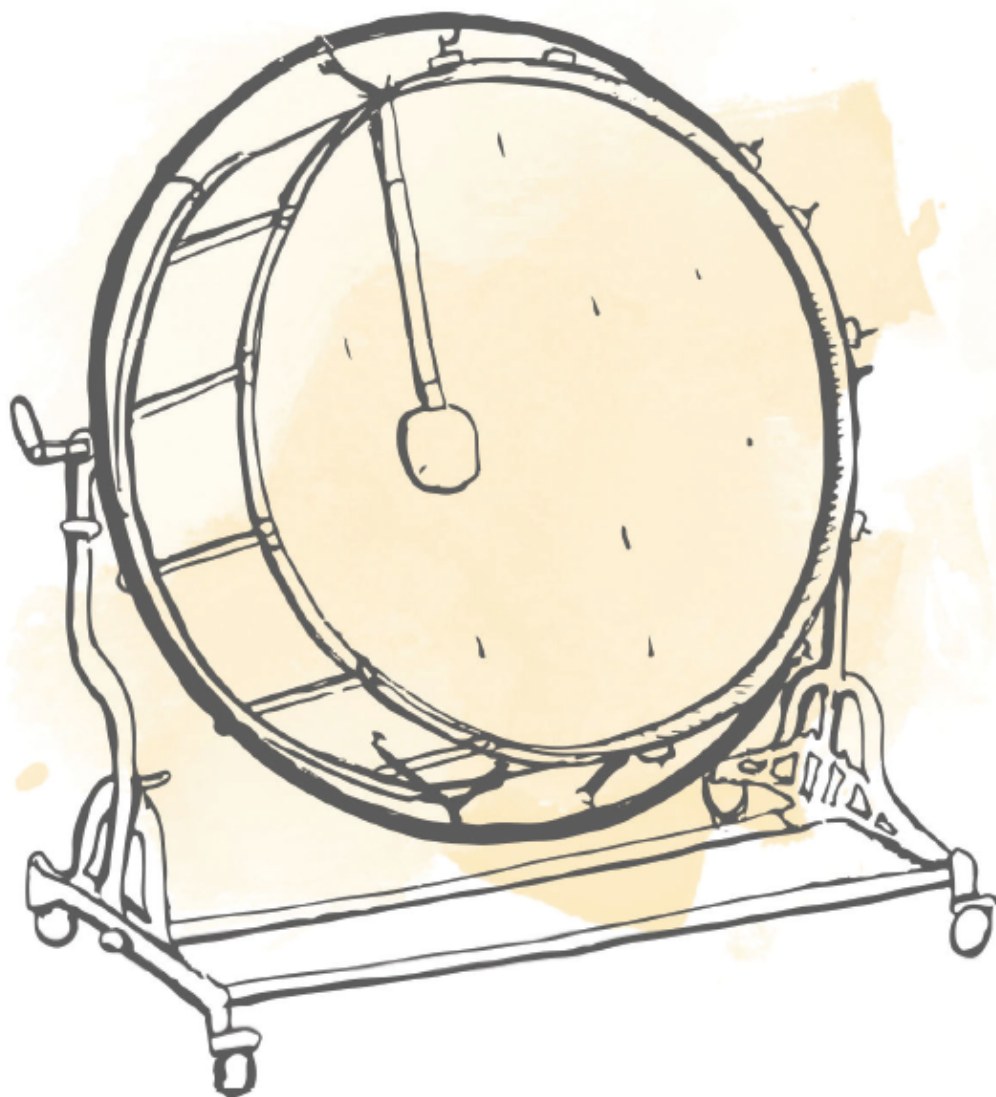
O pandeiro é um instrumento musical do naipe de percussão. Consiste numa pele esticada numa armação estreita (aro), que não chega a constituir uma caixa de ressonância, pois tem a parte inferior aberta. Geralmente, tem platinelas duplas de metal, em intervalos, entre presilhas, ao redor do aro, como pequenas duplas de pratos metálicos. Pode ser brandido para produzir som contínuo de entrechoque, ou percutido com a palma da mão e os dedos. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada marrom clara.

TRIÂNGULO



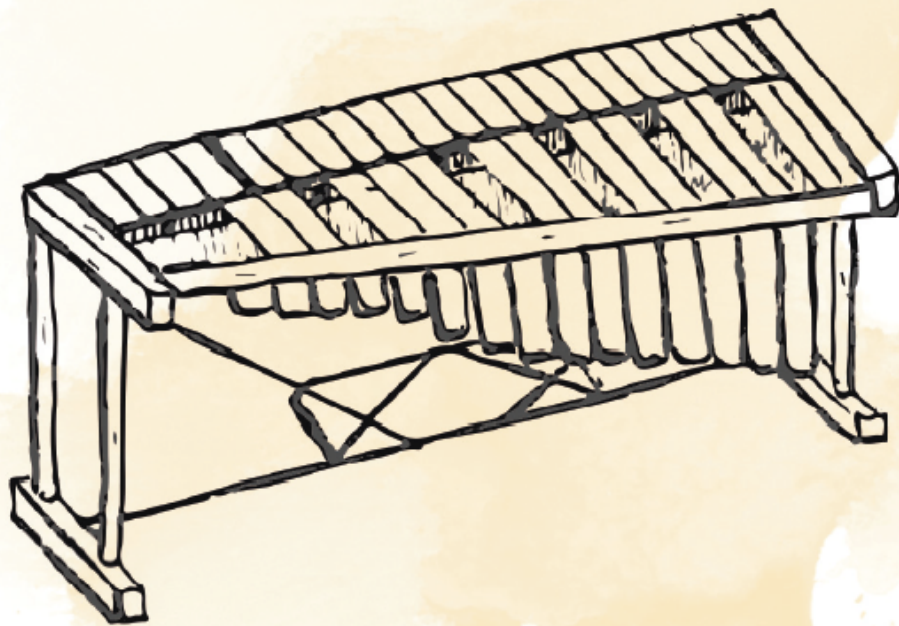
O triângulo ou ferrinhos é um instrumento musical do naipe de percussão. É composto por uma fina barra cilíndrica metálica em forma de triângulo. Tem dois cantos arredondados e um dos cantos abertos. Normalmente é feito de ferro ou aço, mas podem ser encontrados em alumínio. O som do instrumento se dá pela percussão através do movimento do bastão (batedor), que bate no triângulo em sincronia com a mão que o segura e determina o som aberto (com maior sustentação) ou fechado. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada cinza clara.

BUMBO



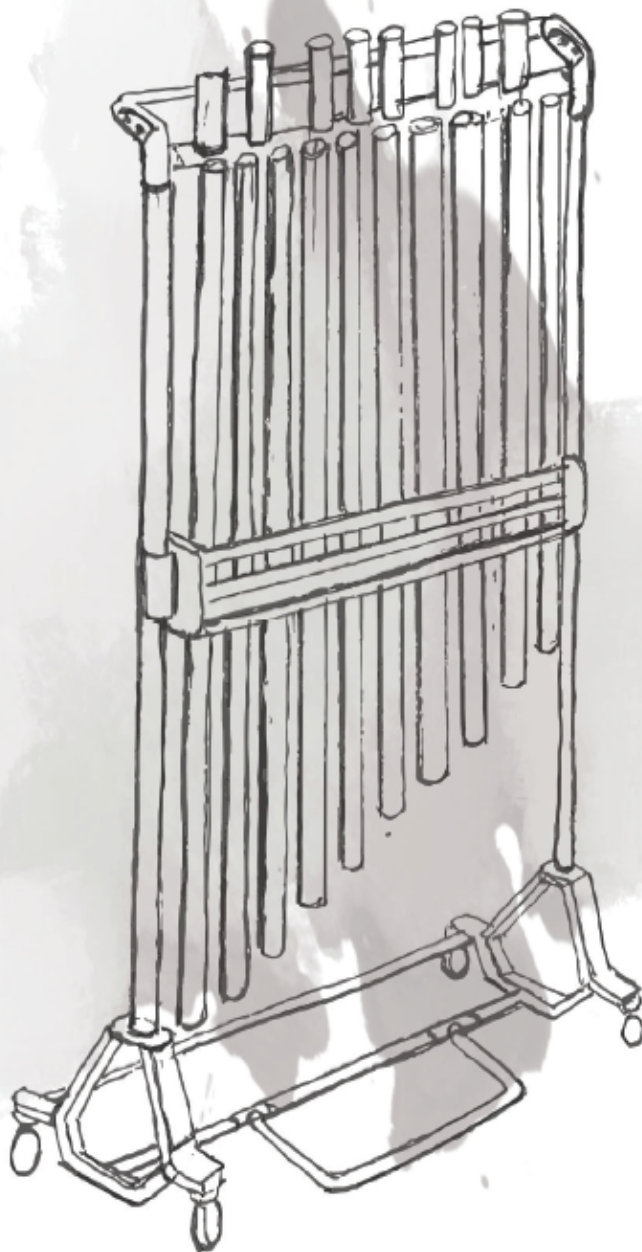
O bumbo ou bombo é um instrumento musical do naipe de percussão. Em orquestras também é conhecido como bombo sinfônico. Formalmente, é um tambor semelhante a caixa de percussão, com um corpo cilíndrico de madeira ou folha metálica, e duas peles esticadas por aros metálicos, porém de grande dimensão. Usualmente, fica apoiado sobre um cavalete ou carrinho metálico, com o tambor inclinado em ângulo de aproximadamente quarenta e cinco graus com o piso. Pode ser percutido tanto com baquetas (almofadadas ou duras), quanto com vassourinhas de metal. Tem som grave e seco. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada marrom clara.

VIBRAFONE



O vibrafone é um instrumento musical do naipe de percussão. É composto por cerca de 30 placas de aço, de diferentes tamanhos e organizados numa escala cromática. As placas ficam alinhadas formando uma espécie tampo que afunila a largura de uma ponta para a outra e é apoiado sobre um cavalete ou carrinho metálico. O percussionista toca nas placas de aço com baquetas. E, embaixo de cada placa há um tubo. Os tubos têm alturas diferentes e vão ficando mais alongados na medida em que as placas ficam mais largas. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada marrom clara.

CARRILHÃO



O carrilhão, também chamado de carrilhão de orquestra ou de sinos tubulares, é um instrumento musical do naipe de percussão. É composto por cilindros de metal de 30 a 38 milímetros de diâmetro, afinados de acordo com o comprimento de cada um. Os tubos são dispostos verticalmente, lado a lado, em uma sequência cromática de uma oitava e meia, indo do Dó5 ao Fá6. Ficam suspenso por uma estrutura sobre um cavalete ou carrinho. Os tubos são percutidos na parte de cima com pequenos martelos, geralmente com cabeça de plástico. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada cinza.

CASTANHOLA

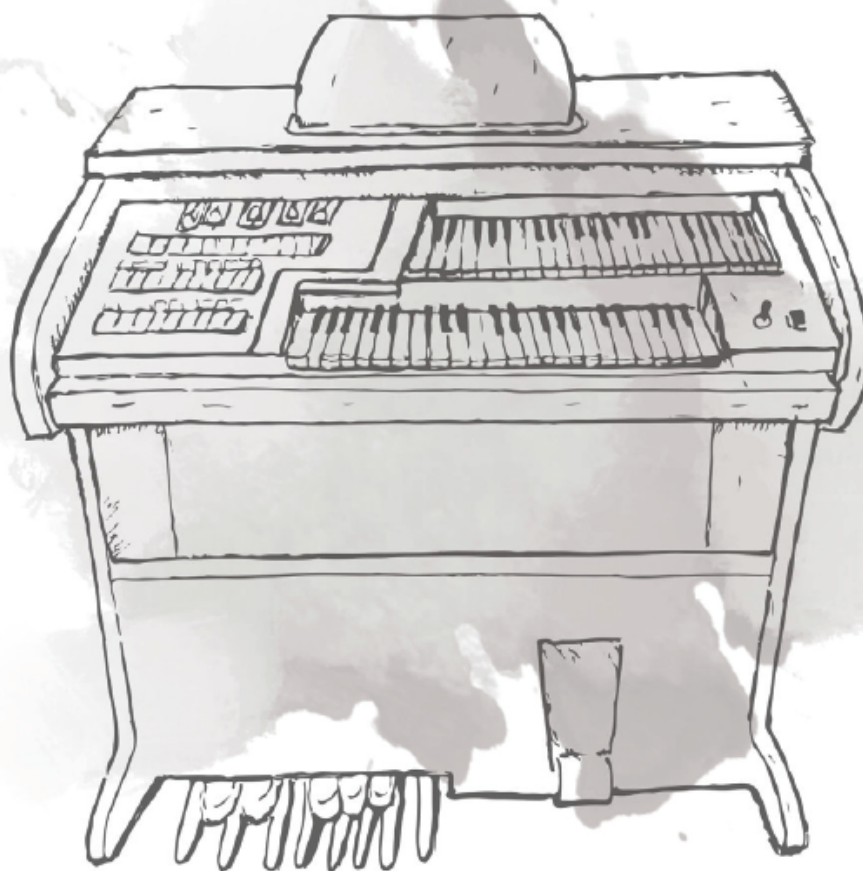


A castanhola ou castanheta é um instrumento musical do naipe de percussão. É constituída por dois pedaços de madeira de castanheiro em forma de prato fundo, perfurado e ornamentado com uma fita que se coloca em redor do polegar ou presas em curto cabo de madeira para pega com as mãos. O nome deriva do formato, que lembra uma castanha. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada amarela.

TECLAS

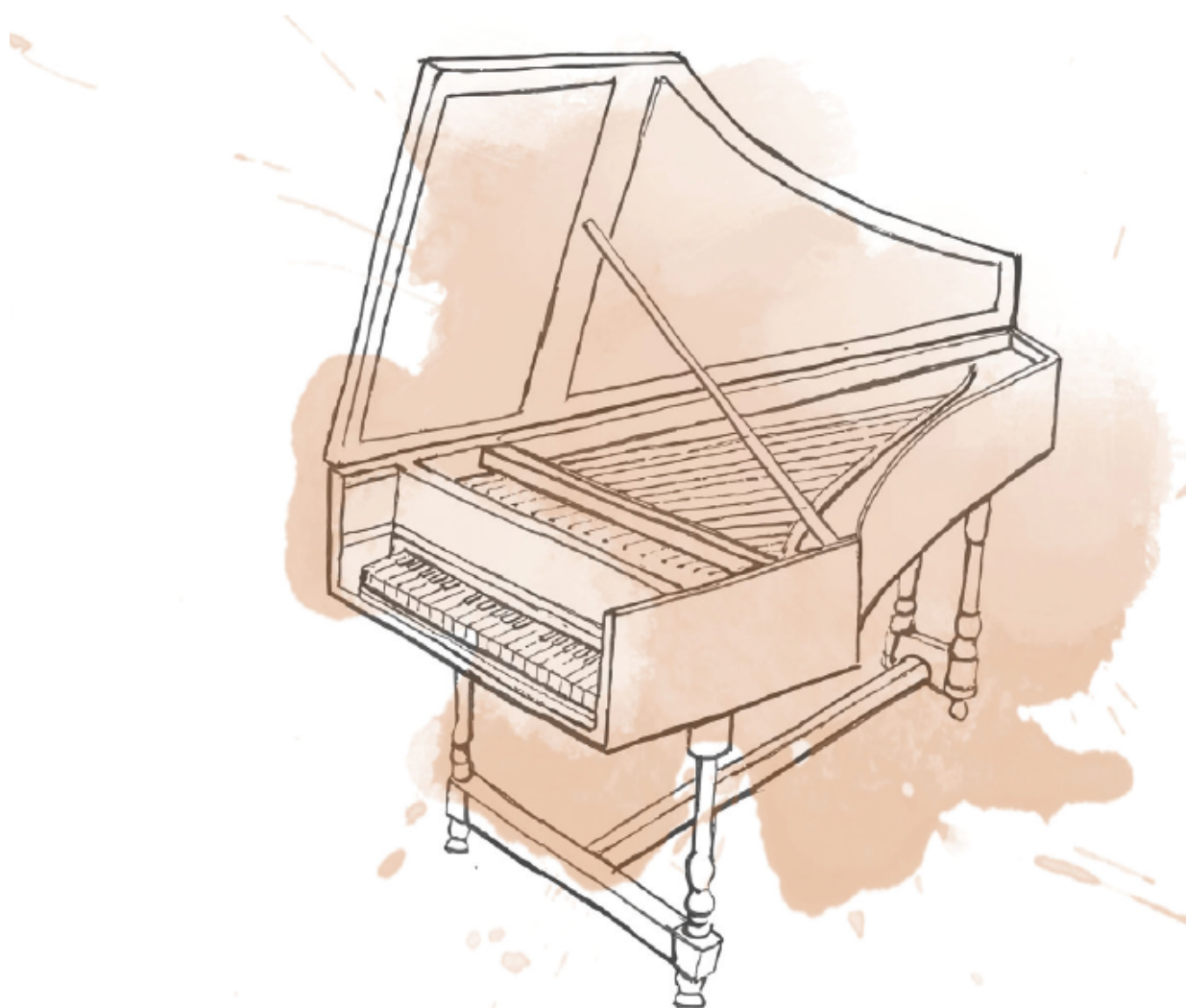
Por fim, é necessário citarmos os instrumentos de teclas, como órgão, cravo e o piano. O órgão é considerado independente da orquestra. O cravo é utilizado em apresentações de música barroca e o piano como instrumento solo.

ORGÃO



O órgão é um instrumento musical da família dos aerofones de teclas, considerado o mais complexo de todos os instrumentos musicais. O som é produzido pela passagem de ar comprimido através de tubos sonoros de diversos formatos, materiais e comprimentos. Os órgãos variam imensamente em tamanho, indo desde uma caixa (órgão de baú) até a monumentais caixas, como os presentes em igrejas. Geralmente é composto por uma caixa, mesa ou armário em madeira, de acordo com o modelo, além de pedaleiras na base. As teclas ficam numa base de teclas sobre uma estrutura fechada em madeira. E, logo acima da mesa de teclas, fica o gabinete de som, onde se colocam as partituras. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada cinza.

CRAVO



O cravo é um instrumento musical de teclas, como o piano, porém suas teclas acionam plectros, tipo de palheta, que puxam a corda, fazendo-a vibrar, exatamente como se faz soar a corda de uma guitarra. Formalmente é composto por uma grande caixa de ressonância em madeira, geralmente de formas curvas, onde ficam as cordas, esticadas na posição horizontal, até a base ou mesa das teclas, à frente da caixa. Fica apoiada sobre pés em madeira e é fechada por uma tampa, que pode ser aberta e apoiada por um bastidor. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada marrom clara.

PIANO



O piano é um instrumento musical de teclas. Também é considerado um instrumento de percussão, pois para que as notas soem, dentro do piano existem martelos que percute nas cordas. Existem dois tipos de piano: o de cauda, cujas cordas estão armadas horizontalmente, e o de armário, com as cordas na vertical. Formalmente é muito semelhante ao cravo, tendo uma grande caixa de ressonância em madeira, com as cordas na posição horizontal, a base das teclas, à frente da caixa, a tampa de superior e o bastidor (suporte para manter a tampa aberta). A caixa é apoiada sobre três pernas, também em madeira, usualmente com rodinhas. Além dessas partes, tem o atril ou gabinete, para posicionar as partituras, e três pedais, bem abaixo da base das teclas, praticamente junto ao piso. Atrás do desenho do instrumento uma mancha de aquarela aguada cinza.



No centro, ilustração vertical de um corne inglês. Desenho à mão em linhas pretas sobre fundo branco e mancha de aquarela aguada em tons de cinza.

5. FORMAÇÃO CONTINUADA

Ao iniciar um projeto em parceria com uma sala de concerto para a inserção do recurso da audiodescrição, é necessário conscientizar os responsáveis para promoverem formação continuada para toda a equipe de trabalho do local. Muitas vezes, somente a equipe de educadores recebe tal formação, mas é preciso alertar para o fato de que todas as pessoas que trabalham no local terão contato com as pessoas com deficiência.

Infelizmente, ainda é muito comum a existência de mitos em relação ao universo das pessoas com deficiência. Como o recurso da audiodescrição atrai o público com deficiência visual, que é o alvo do recurso, torna-se importante desmistificar tais mitos.

Por isso é imprescindível organizar encontros nos quais profissionais da recepção, limpeza, segurança, alimentação, administrativo, educativo, comunicação, diretoria e todos os que trabalham no espaço possam conhecer melhor o universo das pessoas com deficiência visual.

O ideal é que este trabalho de conscientização possa ser conduzido por um profissional com deficiência visual consultor em audiodescrição, pois este terá condições de transmitir suas experiências e vivências com solidez. O consultor também poderá sanar as inúmeras dúvidas que os profissionais da casa possivelmente terão.

Alguns assuntos importantes devem ser abordados: identificação de uma pessoa com deficiência visual; diferenças entre pessoa cega e com baixa visão; recursos de acessibilidade, como óculos escuros, bengala (branca e verde) e cão-guia; termos corretos e incorretos relacionados às pessoas com deficiência visual; tecnologia assistiva que utilizam, como os leitores de tela em computadores e celulares, além do Braille.

Deve-se ainda demonstrar como pode ser feito o atendimento a uma pessoa com deficiência visual: forma correta de conduzi-la, atenção para possíveis obstáculos, condução até o assento na sala de concerto e auxílio até o banheiro. Também é relevante apresentar situações em que a pessoa com deficiência visual chega com acompanhante, como fazer este atendimento e como entregar os ingressos. Por fim, mostrar como auxiliar um grupo de pessoas com deficiência visual.

Esta formação precisa ser constante e em forma de rodízio, pois assim todos poderão participar e beneficiar-se. Além desta formação com a equipe da sala de concertos, é necessário que a equipe de audiodescrição participe de uma formação sobre o universo da música. Este trabalho deve ser feito pelo consultor musical que participará do projeto de inserção da audiodescrição nos concertos acessíveis. O trabalho deste profissional terá os seguintes objetivos:

- Fornecer breves e relevantes informações sobre a orquestra e suas especificidades;
- Alertar sobre a divisão de naipes e explicar sobre cada um deles;

- Informar quais instrumentos compõem cada naipe;
- Exibir imagens dos instrumentos com seus respectivos timbres;
- Sanar dúvidas mais comuns como a diferença entre violino e viola, flauta doce e flauta transversa, trompete e trombone, além de diferenciar tambores de tímpanos;
- Explicar de forma sucinta curiosidades de alguns instrumentos;
- Esclarecer como os músicos se posicionam em relação ao instrumento no momento da execução e o seu posicionamento no palco;
- Falar sobre a importância do maestro, seu posicionamento, as funções do *spalla* e *concertinho*;
- Informar o nome que é dado ao instrumentista em relação ao seu instrumento, por exemplo, violino – violinista, oboé – oboísta, fagote – fagotista e assim por diante.



À esquerda, ilustração vertical de uma viola. Desenho à mão em linhas pretas sobre fundo branco e mancha de aquarela aguada em tons de marrom claro.

6. DIVULGAÇÃO

A divulgação é sempre um desafio para qualquer tipo de evento. Não seria diferente para os concertos acessíveis. É preciso entender o universo das pessoas com deficiência e pensar a forma mais eficiente para que as informações cheguem.

Atualmente as redes sociais digitais são uma realidade de grande parte da sociedade, para as pessoas com deficiência isso não é diferente. Neste sentido, este canal torna-se muito viável para divulgações, pois as informações circulam com grande velocidade.

É preciso criar uma lista de contatos de pessoas que estejam interessadas em receber divulgações para que estas sempre sejam notificadas. Na divulgação, é necessário informar a data do evento, o horário e o local. Além do endereço, devem-se fornecer informações sobre pontos de referência e transportes que facilitem a locomoção das pessoas com deficiência, pois é importante sempre pensar no acesso do público ao local do evento.

Um canal de comunicação com a equipe de audiodescrição é de fundamental importância, por isso pode-se disponibilizar um contato telefônico ou e-mail para que os usuários possam sanar quaisquer dúvidas.

Para complementar, na divulgação deve haver o nome das obras que serão executadas, orquestra que se apresentará, músicos convidados (quando houver), maestro e convidados (quando houver) e um breve histórico dos compositores das obras e curiosidades mais relevantes.

Todo material enviado deve ser o mais acessível possível, lembrando que o público-alvo da audiodescrição é o de pessoas com deficiência visual. A partir daí, deve-se produzir formatos que atendam às especificidades deste público.

O texto de divulgação pode ser enviado por e-mail, pois é perfeitamente acessível aos leitores de tela (software de leitura de informações textuais) para os usuários. É importante formatar o texto com fonte ampliada, preferencialmente acima de 24, pois assim acessibiliza a leitura para pessoas com baixa visão.

Outro formato de divulgação é o audioconvite. Esse formato possibilita, além da narração do texto elaborado, a inserção de recursos sonoros, como fundo musical e efeitos. A narração deve ser feita por um profissional da voz com formação em audiodescrição, pois assim torna-se humanizado. Nunca utilizar voz sintetizada, pois não é agradável aos usuários e isso pode provocar uma reação negativa destes em relação ao evento proposto.

Neste audioconvite, pode ser introduzido um trecho da obra que será executada no espetáculo, pois assim o usuário já faz uma ligação do convite com o evento e, desta forma, já terá uma prévia do que assistirá. Os efeitos ficarão a cargo do profissional para incrementar ainda mais o audioconvite.



Na parte inferior, ilustração vertical do instrumento de percussão caixa. Desenho à mão em linhas pretas sobre fundo branco e mancha de aquarela aguada em tons de bege claro.

7. O ROTEIRO DE AUDIODESCRIÇÃO

O roteiro de audiodescrição para um concerto de música instrumental erudita demanda muita pesquisa e trabalho. Ao iniciar o processo, deve-se ir até o local da apresentação para conhecer o espaço e colher informações relevantes que serão transmitidas aos usuários, como histórico, dimensões, quantidade de lugares, entradas e saídas, saídas de emergência, locais destinados a pessoas com prioridade, posicionamento e dimensões do palco, isolamento acústico, equipamentos, serviços disponíveis, equipe de atendimento da casa, banheiros, comedoria e tudo que for considerado relevante.

É importante conhecer o posicionamento da cabine ou o espaço que a casa dispõe onde o profissional da audiodescrição ficará durante o espetáculo. É essencial que o audiodescritor tenha uma boa visibilidade de toda a orquestra para perceber movimentações, entrada e saída de instrumentistas, dinâmica dos instrumentos durante a execução da obra, além de perceber todos os gestos do maestro.

Após a coleta de informações sobre o local, é fundamental conhecer a orquestra como um todo. No que se refere aos músicos, conversar com estes sobre o repertório, curiosidades da apresentação e verificar se há inserção de algum instrumento específico por conta da obra a ser executada.

Em relação ao maestro, obter informações com ele sobre o repertório a ser executado, informações e curiosidades que podem ser agregadas ao roteiro, além de verificar se há o aumento ou a redução da quantidade de instrumentos e modificação de posicionamento no palco.

Itens considerados importantes serão detalhados nesta seção e nas próximas, como notas introdutórias, dinâmica musical e glossário.

7.1 Notas Introdutórias

As notas introdutórias são muito importantes neste tipo de evento, pois possibilitam ao usuário receber informações adicionais que não poderiam ser transmitidas durante o concerto. As informações devem ser disponibilizadas em um determinado tempo antes do evento. É necessário alertar os usuários sobre a importância da chegada mais cedo para receberem os dados.

Itens importantes que devem ser transmitidos antes do início do evento são informações sobre o concerto específico, breve histórico do maestro, dados relevantes sobre as obras que serão apresentadas, informações sobre a equipe de audiodescrição, a orquestra que se apresentará, músicos e convidados, naipes e seus respectivos instrumentos, descrição dos instrumentos e da sala de concerto, posicionamento dos músicos no palco e movimentos das obras (quando houver).

Todos estes dados tornam-se fundamentais para que o usuário compreenda a magnitude do evento e possa fruí-lo da maneira mais plena.

7.1.1 Informações sobre o Concerto e a Temporada

É preciso transmitir ao usuário dados sobre a temporada que está vigente e o concerto. Na comunicação com a equipe responsável pela produção artística da sala de concerto, esses dados devem ser coletados. Também é importante conhecer o material de divulgação da casa, como site, panfletos, revistas, libretos, entre outros. Fazendo um recorte em relação ao site, muitas vezes entende-se que este canal está acessível pelo fato de conter a informação do evento, mas é necessário salientar que, além da informação sobre a acessibilidade do espetáculo, o canal de veiculação também deve estar com facilidade de acesso.

Deve-se verificar se os materiais contam com formato acessível. Se algum destes materiais não tiver este formato, sugerir e informar a equipe de produção sobre a importância destes recursos de acessibilidade para o público-alvo dos concertos acessíveis. No caso de haver tais materiais, transmitir aos usuários esta informação e a forma de acesso.

7.1.2 Maestro

Deve haver uma pesquisa em relação ao maestro que conduzirá a orquestra no dia do espetáculo para que se possa informar aos usuários a formação deste como músico, trajetória e principais projetos de atuação. Uma descrição do maestro também deve ser feita, informando características físicas, vestimenta, além da explicação da batuta, objeto que a maioria dos maestros utilizam na condução de uma orquestra.

É muito comum as salas de concertos convidarem maestros de outras orquestras, inclusive de outros países. Torna-se necessário trazer informações destes profissionais também.

7.1.3 Obras e Compositores

As obras compõem o repertório que será executado no dia do espetáculo. Deve ser feita uma pesquisa sobre curiosidades e a importância destas e identificar o compositor, fazendo um breve histórico.

Sobre as obras, é importante informar a época em que foram compostas, a qual gênero pertencem, locais importantes onde foram executadas, além de outras curiosidades que podem ser interessantes para o usuário.

E sobre o compositor, é necessário informar sua origem, data de nascimento e falecimento (se já houver ocorrido), formação musical, seus mestres, influências, além de citar obras importantes de sua autoria. Também é relevante trazer dados curiosos sobre o processo de composição da obra que será executada.

7.1.4 Equipe de Audiodescrição

Um roteiro de audiodescrição demanda a dedicação de vários profissionais, como roteiristas, consultores e narradores. O processo é longo, demandando várias horas de trabalho.

Além destes profissionais já citados, a equipe ainda conta com o trabalho de profissionais que cuidam da divulgação do evento, entrega dos ingressos e dos equipamentos para a recepção da audiodescrição, além do auxílio para a condução pelo espaço cultural. Neste sentido, faz-se necessário difundir o trabalho da equipe, citando as pessoas que estão envolvidas neste processo e as pessoas que estão em trabalho para qualquer tipo de auxílio que os usuários necessitem.

7.1.5 Grupos Musicais

Algumas salas de concerto podem ter um trabalho fixo com uma orquestra, como é o caso da Sala São Paulo com a OSESP (Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo), do Theatro Municipal do Rio de Janeiro com a OSB (Orquestra Sinfônica Brasileira), entre outras. Entretanto é algo muito comum as salas de concertos receberem orquestras de outros lugares, inclusive internacionais, como acontece com os músicos e maestros. Neste sentido, é importante fazer uma pesquisa sobre a orquestra que se apresentará para que tais informações sejam levadas aos usuários.

É recomendado informar-se sobre a quantidade de músicos que se apresentarão naquele espetáculo, pois é muito comum a alteração na quantidade de profissionais por conta do repertório que muitas vezes exige mais ou menos instrumentistas ou até mesmo por questões de logística do local. Deve-se também verificar quantos são homens ou mulheres e, se houver, mencionar algum instrumentista solista convidado.

7.1.6 Músicos

As orquestras sinfônicas, que são mantidas pelo estado, possuem seu corpo de profissionais fixo, mas mesmo assim, por questões trabalhistas, o número de músicos no palco pode oscilar. É preciso ficar atento a essas mudanças.

Como já foi citado, orquestras e maestros são convidados para participarem de espetáculos nas salas de concerto. Não é diferente com músicos. Também é usual a prática de convidar profissionais de outros lugares, inclusive internacionais, para compor determinado concerto.

Geralmente os convidados se colocam em posição de solistas. Como tais músicos estarão em destaque, é preciso trazer um breve histórico sobre estes, como origem, formação musical, locais e projetos de trabalho.

7.1.7 Naipes

Como já foi mencionado, a orquestra é dividida em naipes, que são as famílias dos instrumentos (cordas, madeiras, metais e percussão). É necessária uma atenção específica para esta divisão, pois é algo muito bem demarcado e que foi sendo ajustado no decorrer da história das orquestras. A configuração mais utilizada vem do Classicismo até os dias atuais.

Nesta seção, é necessário mencionar todos os instrumentos que ocupam cada naipe, na sequência, das cordas até a percussão, por exemplo: citar os 1º e 2º violinos. Também é importante mencionar alterações de instrumentos que podem ser adicionados ou retirados de cada naipe para a execução de uma obra.

7.1.8 Descrição dos Instrumentos

Como a orquestra conta com muitos instrumentos, torna-se inviável fazer a descrição de todos. A orientação é que sejam feitas descrições dos instrumentos que causam mais confusão para os usuários. Descrever o violino e a viola de arco ou erudita para que os usuários compreendam as semelhanças e diferenças; o mesmo com a flauta doce, flauta transversa e pícolos; trompetes e trombones; e por fim tambores e tímpanos.

Em determinadas obras, alguns instrumentos ficam em posição de destaque. Neste caso, é aconselhável que seja feita uma descrição detalhada destes instrumentos, trazendo curiosidades consideradas relevantes.

A descrição dos instrumentos torna-se importante pelo fato de promover o conhecimento da estrutura destes e assim os usuários compreenderem que a sonoridade está diretamente ligada com a estrutura. Como exemplo, pode-se citar o violino que tem uma estrutura bem menor que o contrabaixo. Desta forma, seu som é bem mais agudo, mesmo fazendo parte da mesma família. Assim ocorre com outros instrumentos de outras famílias.

7.1.9 Descrição da Sala de Concerto

O espaço onde ocorrem as apresentações deve ser descrito em detalhes para uma melhor ambientação do usuário. Geralmente as salas possuem um histórico interessante e trazem curiosidades relevantes. Sendo assim, deve-se informar sobre a construção, estilo arquitetônico, material utilizado, quantidade de assentos disponíveis, assentos prioritários, cores dos assentos, das paredes e do

teto. Por fim, descreve-se o palco, informando posicionamento, dimensões e a estrutura do fosso (quando houver).

7.1.10 Posicionamento dos Músicos

Os músicos têm um posicionamento específico no palco em relação à divisão de naipes. Esse posicionamento é praticamente o mesmo em todas as apresentações. Entretanto, dependendo do repertório que será executado, esse posicionamento poderá mudar. É necessário informar o local do palco onde cada família de instrumentos se posiciona, inclusive o maestro. Desta forma, o usuário da audiodescrição terá condições de compor imagetivamente a estrutura geral da orquestra no palco.

7.1.11 Movimentos

Algumas obras trazem movimentos que são divisões. É muito comum encontrar essa segmentação em suítes, sinfonias, concertos, entre outros.

Os movimentos também são nomeados como *minueto*, *larghetto*, *scherzo*, etc. Muitas vezes cada movimento tem histórias imbuídas de significados, por isso a necessidade de informar aos usuários sobre as divisões em movimentos que a obra a ser executada terá e uma breve explicação sobre cada uma delas.



À esquerda, ilustração vertical de um violoncelo. Desenho à mão em linhas pretas sobre fundo branco e mancha de aquarela aguada em tons de marrom claro.

8. DINÂMICA MUSICAL

Esta seção refere-se ao momento da execução da obra no qual o consultor musical fará suas considerações específicas do universo musical. Este profissional deverá organizar um roteiro parcial que será enviado para a equipe de audiodescrição. Este material terá que conter uma estrutura de forma inteligível e organizada para a equipe.

8.1 Estrutura Do Roteiro

A estruturação do roteiro é de fundamental importância para a comunicação saudável com a equipe de audiodescrição. Sugere-se que as seções do roteiro sejam divididas e destacadas por cores, pois assim facilita a rápida localização.

É preciso organizar o roteiro com os seguintes itens: nome da obra, compositor, identificação do movimento (se houver), link de referência, *time code* (tempo de referência) antecedendo cada sentença, as sentenças propriamente ditas construídas com base nas sugestões que se verá nas seções subsequentes.

8.1.1 Movimentos da Obra

Os movimentos são divisões que estão em obras musicais, como suítes, sonatas, sinfonias, concertos e outras do gênero. Se a obra contar com estas divisões, é importante sinalizar a fim de que o roteirista faça a identificação e posteriormente inclua no roteiro final, para que tal informação seja passada ao usuário. Muitos destes movimentos contam com nomes específicos, como scherzo, larghetto, allegro, minueto, entre outros.

Tem-se como exemplo “As quatro estações” de Vivaldi, na qual cada concerto (primavera, verão, outono e inverno) é dividido em três movimentos.

8.1.2 Link de Referência

O link de referência é uma sugestão para facilitar o trabalho da consultoria com a equipe de audiodescrição. É muito comum encontrar áudios ou vídeos na internet com a execução de obras eruditas. Assim, faz-se necessário introduzir as sentenças com essa informação para que o roteirista possa se guiar durante o processo de elaboração do roteiro final.

Deve ser colocado de forma clara o título “link de referência” e, ao lado, o site específico do local onde o audiodescritor encontrará o material de apoio. Se não for possível encontrar tal material na internet, muitas vezes pelo fato de ser

um repertório muito específico, composições inéditas ou obras raras, é preciso lançar mão de conseguir a gravação com a produção do espetáculo ou participar de algum dos ensaios e, mediante autorização, colher esse material para ser trabalhado posteriormente.

8.1.3 Time Code

O *time code* (tempo de referência) é muito utilizado em materiais audiovisuais. Os profissionais da audiodescrição têm grande familiaridade com este recurso para elaborarem roteiros com finalidade de audiodescrever longas e curtas-metragens, comerciais, clipes, entre outros.

Apesar dos concertos de música erudita serem ao vivo e os profissionais da audiodescrição acreditarem que o recurso deve ser disponibilizado da mesma forma, o *time code* servirá somente de referência para os estudos do audiodescritor. Com o link de referência e o *time code*, o profissional poderá acompanhar as sentenças de forma precisa, isto é, o audiodescritor entenderá em qual momento o consultor considerou relevante que fosse feita alguma menção sobre a dinâmica musical.

Conforme o consultor musical ouve a obra e percebe algum elemento sonoro importante, este registra o *time code* e constrói uma sentença referente.

8.1.4 Timbres e Naipes

Okamoto (2002) afirma que o ouvido tem um significado muito importante por estar sempre aberto, propiciando a comunicação oral. Cita características fundamentais como a sonoridade que é a sensação de intensidade, diferenciando sons fortes e fracos, tonalidade que traz a sensação de frequência (sons agudos e graves) e timbre que permite diferenciar os sons por intensidade e tonalidade.

Nesta perspectiva, os timbres e seus respectivos naipes são de fundamental importância dentro dos roteiros de audiodescrição. Para os usuários do recurso, principalmente pessoas cegas e com baixa visão, não basta somente ouvir o timbre do instrumento, é necessário que se faça a associação do nome com a sonoridade. Assim, dentro deste processo de musicalização, o usuário será capaz de identificar os instrumentos durante as fruições em salas de concerto.

Como foi visto anteriormente, a orquestra é dividida em naipes (cordas, madeiras, metais e percussão). Neste sentido, é importante que o usuário faça essa correlação do nome do instrumento com a sua sonoridade e compreenda a qual naipe este pertence.

Vale ressaltar que esse entendimento requer tempo e intimidade com a linguagem. É preciso que o usuário seja frequentador destes espaços específicos, como as salas de concerto, para que as informações sejam absorvidas e solidificadas.

8.1.5 Instrumentos em Destaque

Ressaltar qual instrumento encontra-se em destaque em determinado momento da execução da obra faz com que o usuário associe os timbres aos respectivos instrumentos, além de refinar sua acuidade auditiva. No momento em que é apontado algum instrumento em meio ao conjunto de sons sendo executados simultaneamente, o usuário desenvolverá sua percepção musical.

Geralmente pode ser indicado o nome do instrumento que está se sobressaindo ou seu naipe. Muitas vezes o instrumento está executando uma melodia, tema ou alguma inserção que chama a atenção ou que é relevante dentro da obra. Isso precisa ser sinalizado.

Itens que geralmente se destacam são instrumentos executando uma melodia na região aguda, muitas vezes executada pelas cordas ou madeiras. O ouvido humano identifica mais facilmente notas muito graves executadas pelos contrabaixos, por exemplo, que são marcantes, anunciações dos metais, inserções de instrumentos da percussão, como o rufar de tímpanos, triângulo ou talvez pratos.

Enfim, o consultor musical deverá lançar mão de sua sensibilidade e percepção para identificar elementos relevantes da obra.

8.1.6 Instrumentos em Solo

Solo é quando um instrumento executa um trecho musical com ou sem acompanhamento. Isso certamente o coloca em destaque. Entretanto é importante entendermos a sutil diferença entre os instrumentos em destaque para os que estão em posição de solo.

Quando um instrumento está na posição de solo, executa um trecho que foi pensado para que aquele timbre tenha total soberania em relação aos outros, tanto em momentos com acompanhamento de instrumentos quanto sem. Já os instrumentos em destaque não necessariamente se destacam por estar em solo, mas sim pelo fato de sua execução, em meio ao todo, sobressair-se de alguma forma.

A importância de se identificar o instrumento, nesta condição, é poder conhecer toda sua potencialidade. Nesta oportunidade, é possível perceber mais a fundo as nuances que o timbre do instrumento traz e sua extensão de alcance. Como exemplo, tem-se o “Concerto em dó maior para oboé e orquestra” de Mozart. A obra foi pensada para o instrumento especificamente e em vários momentos este executa melodias para tal.

8.1.7 Instrumentos em Acompanhamento

Há momento em que os instrumentos estão em posição de acompanhamento, isto é, dão base para outros que estão em posição de solo. O naipe de cordas geralmente exerce esse papel, mas madeiras e metais também podem fazê-lo.

Existem acompanhamentos que são facilmente identificáveis, pois contêm um padrão rítmico e melódico. Contudo os instrumentos podem executar um acompanhamento sem estar inserido em algum padrão.

Em geral, a percepção do acompanhamento é mais complexa, pois os instrumentos estão em segundo plano. Entretanto é esta a importância de trazer tal informação nos roteiros de audiodescrição. A partir daí, o usuário se familiariza e identifica separados sons dentro da polifonia.

8.1.8 Dinâmica

A partir do momento em que a obra se inicia, a dinâmica acontece, isto é, toda movimentação dos instrumentos compõe a dinâmica da obra, seja através de um instrumento ou da orquestra completa.

A dinâmica pode acontecer através de diversas técnicas, como pizzicato, staccato, legato, trinado, entre outros. Além disso, é importante destacar a interação entre os instrumentos que constantemente estão em diálogo. Muitas vezes percebe-se claramente um desenvolvimento de perguntas e respostas, inserções pontuais e rápidas participações instrumentais que compõem a dinâmica.

É preciso identificar qual dessas movimentações é mais relevante para que sejam apontadas no roteiro, pois não é possível fazer considerações em relação a todo desenvolvimento musical. A seleção por relevância é necessária.

8.1.9 Intensidade

A intensidade é uma das partes que compõe a dinâmica de uma obra, pois corresponde a um dos elementos das características fisiológicas do som (timbre, altura, duração e intensidade). Basicamente pode-se classificar a intensidade como a alternância entre sons fortes e fracos.

Durante a execução de uma obra, os instrumentos lidam com o controle de intensidade o tempo todo. Para imprimir expressão em uma música é necessário, entre outros elementos, lançar mão da intensidade.

Na música, há símbolos que representam a potência em que uma nota ou trecho musical será executado. Pode-se citar forte, fortíssimo, piano, pianíssimo, entre outros.

Os profissionais que trabalham com a audiodescrição não têm a pretensão de formar músicos profissionais através das informações fornecidas, mas sim o intuito de transmitir o maior número de informações relevantes para a compreensão e fruição da obra.

Neste sentido, é preciso registrar as alternâncias de intensidade mais marcantes, isto é, quando a atmosfera sonora se modifica do pianíssimo ao fortíssimo e vice-versa, por exemplo. Cabe ao consultor musical decidir se alguma terminologia relacionada à intensidade é relevante para a fruição do usuário.

8.1.10 Glossário de Termos Musicais

Durante o meu trabalho como consultor musical para concertos acessíveis, fui percebendo a quantidade de termos específicos do universo da música que se utilizava nas sentenças que eu elaborava. A partir daí, surgiu a necessidade da criação de um glossário de forma que auxiliasse a equipe de audiodescrição para entender o significado e também utilizar como aposto para as sentenças do roteiro final.

Para cada espetáculo, são selecionados os termos do glossário conforme surgem durante o roteiro. As definições de cada termo foram elaboradas na perspectiva da audiodescrição, isto é, de forma clara, concisa e vívida. Não é possível fazer um grande aprofundamento.

A seguir há 247 termos que foram selecionados no viés da frequência de utilização. Mais termos devem ser adicionados conforme a necessidade.

A cappella: Execução da melodia vocal sem acompanhamento.

Acorde: Notas articuladas simultaneamente em bloco.

Ad libitum: À vontade, livremente.

Agudo: Nome dado a sons com alta frequência.

Amplificador: Uma peça de equipamento elétrico que amplifica, isto é, aumenta o volume.

Anacrusa: Nota ou grupo de notas não acentuadas que começa um trecho musical antes do primeiro tempo forte.

Andamento: Grau de movimento em que uma melodia é tocada ou cantada. O que define a velocidade dentro da música.

Andante: Andamento moderado.

Andantino: Um movimento um pouco mais rápido que o andante.

Animato: Andamento animado.

Antifonário: O livro que contém as antífonas para a Missa.

Antífona: Versículo ou frase cantada por um coro em resposta a outro.

Appassionato: Indicação essencialmente romântica que aparece na partitura.

Appoggiatura: Nota secundária, acima ou abaixo da nota principal utilizada como ornamento.

Arco: Parte de madeira e pelo de crina de cavalo com que normalmente os violinistas, violistas, violoncelistas e contrabaixistas friccionam as cordas do instrumento.

Ária: Composição estruturada para uma só voz.

Armadura de clave: Número de sustenidos ou bemóis que, colocados no princípio da pauta, indicam a tonalidade.

Arpejo: Quando as notas de um acorde são tocadas uma após a outra.

Arranjo: Adaptação de uma peça para um meio musical diferente daquele para que tinha sido originalmente composto.

Assai: Relacionado ao andamento. Significa bastante.

Ataque: Fase inicial da produção de um som por um instrumento.

Atonal: Sistema que não está em conformidade com as leis do sistema tradicional.

Backing vocal: Vocal de apoio.

Baixo contínuo: Melodia base executada geralmente por instrumentos de cordas da região grave.

Baixo: A voz masculina mais grave.

Barítono: A voz masculina intermédia entre o baixo e o tenor.

Bemol: Altera a nota um semitom abaixo.

Bequadro: Anula a alteração em um semitom.

Big bands: Grandes orquestras de Jazz.

Binário: Compasso ou ritmo de dois tempos.

Bizantino: Canto tradicional da Igreja Ortodoxa.

Blues: Música popular dos negros americanos.

Bolero: Dança espanhola.

Bombarda: Instrumento de sopro em madeira, de palheta dupla, da família do oboé.

Boogie-woogie: Estilo de Jazz Pianístico.

Bourrée: Antiga e animada dança francesa.

BWV: Abreviatura de Bach-Werke-Verzeichnis. Catálogo para designar as obras de Bach.

Cadência perfeita: Combinação dos acordes provocando uma finalização conclusiva.

Cadência: Sequência de acordes que produz efeito harmônico.

Caixa de ressonância: Corpo de um instrumento cuja cavidade amplifica a vibração das cordas.

Cânone: É uma composição a duas ou mais vozes entoando uma mesma melodia, que se caracteriza por essas vozes serem entoadas defasadas no tempo.

Cantata: Composição para uma ou mais vozes.

Cantochão: É o mesmo que canto gregoriano. Melodia fixa, de valores regulares.

Canzona: Termo italiano para um determinado tipo de canção trovadoresca.

Castrati: Pré-adolescentes que eram castrados para manter suas vozes infantis.

Cifra: É uma notação, através de letras, para representar acordes.

Clave: Símbolo colocado no princípio da pauta ou pentagrama para indicar o nome das notas musicais.

Coda: Termo italiano que significa cauda, isto é, fim de um trecho musical.

Col legno: Tocar com a parte de madeira do arco.

Coloratura: Obras vocais extremamente ornamentadas em registo agudo.

Compasso: É uma divisão de intervalos dentro da música, contendo tempos iguais.

Compositor: Pessoa que escreve ou cria música.

Concerto grosso: Composição destinada a uma pequena orquestra de cordas.

Concerto solo: Alternância de temas entre um único instrumento solista e a orquestra.

Concerto: Uma forma musical para um ou mais instrumentos solistas.

Consonância: Combinação de dois ou mais sons emitidos simultaneamente, produzindo uma sensação de equilíbrio.

Contracanto: Melodia paralela à melodia principal.

Contralto: O registo mais grave das vozes femininas.

Contraponto: Duas ou mais melodias executadas simultaneamente.

Coro: Conjunto de cantores, agrupados em naípe, ou conjunto de vozes semelhantes.

Courante: Dança aristocrática francesa em compasso ternário.

Da capo: Voltar ao princípio do trecho musical.

Dedilhado: Utilização dos dedos na execução de um instrumento musical ou a indicação numérica de como os dedos devem posicionar-se.

Diapasão: Objeto de sopro que dá as doze notas da escala cromática. Também pode ser de metal que emite a nota lá.

Diminuendo: Significa diminuição gradual da intensidade do som.

Dinâmica: Conjunto de variações na intensidade de uma peça musical.

Dissonância: Sons que causam tensão dentro da obra.

Distorção: Refere-se à audição deformada de um determinado som.

Dobrado bemol: Altera a nota um tom abaixo.

Dobrado sustenido: Altera a nota um tom acima.

Dodecafônica: Música – Sistema de composição baseado na totalidade da escala cromática.

Dueto: Conjunto de duas vozes ou composição para duas vozes.

Ensemble: Pequeno agrupamento de intérpretes que pode englobar instrumentistas e cantores.

Escala: Sequência ordenada dos intervalos musicais.

Estilo: Termo ligado às características próprias de um determinado artista.

Estrilho: Versos repetidos no final de cada estrofe.

Estrofe: Conjunto de versos cantados.

Exposição: Primeira parte de uma peça em forma de sonata.

Fado: Canção urbana originária de Lisboa, acompanhada pela guitarra portuguesa.

Falsete: Registo agudo das vozes masculinas.

Fandango: Dança popular espanhola acompanhada por guitarra e castanholas.

Fermata: Sustentação das notas além do tempo predefinido.

Figuras musicais: Símbolos que indicam a duração dos sons.

Finale: Parte final de uma obra musical.

Floreio: Ornamento musical.

Forma: Estrutura ou organização de uma peça musical.

Fortíssimo: Som executado com alta potência.

Forzando: Aumento da força dinâmica.

Fox-trot: Dança norte-americana.

Frase musical: Melodia que possui início e fim dentro de uma obra.

Fuga: Obra contrapontística.

Funaná: Gênero musical tocado pelas mulheres da Ilha de Santiago, Cabo Verde.

Galharda: Dança francesa da época renascentista e barroca.

Galope: Dança rápida originária da Europa central.

Gavota: Dança muito graciosa e delicada, nascida no século XVI.

Gênero musical: Categoria de obras que têm a mesma finalidade.

Giga: Dança muito movimentada da Inglaterra.

Glissando: O efeito de deslizar entre as notas de forma sutil.

Graves: Nome dado aos sons com baixa frequência.

Gregoriano: Canto – Forma de canto litúrgico próprio da Igreja Católica Romana.

Habanera: Dança de origem afro-cubana.

Harmonia: Concordância entre os sons gerados pelos instrumentos.

Harmônicos: Sons que acompanham a emissão de um som fundamental.

Hebraica: Música – Conjunto de práticas vocais e instrumentais dos antigos hebreus.

Hertz: Sinônimo de “ciclos por segundo”. É a unidade de medida da frequência dos sons.

Hinário: Composto por hinos e cânticos cristãos.

Homofonia: O mesmo som.

Homorritmia: Concordância de uma nota, em termos de ritmo, com as notas das outras partes.

HWV: Abreviação de Handel-Werke-Verzeichnis para catalogar as obras de Handel.

Idiofone: Instrumento de percussão em que uma parte bate na outra sem ajuda de membrana, cordas ou tubos.

Improvisação: Tipo de composição que se desenvolve de forma espontânea e livre.

Interlúdio ou intermezzo: Melodia instrumental que preenche intervalo entre partes da obra.

Intervalo: Distância entre duas notas ou acordes.

Introdução: Melodia que abre uma obra musical.

Invenção: Peças musicais que correspondem a uma especial intenção do compositor.

Jazz: Música afro-americana nascida no século XX em comunidades negras dos Estados Unidos.

Larghetto: Designa um andamento lento.

Laudes: Com o “Magnificat” (cantado ou rezado à tarde).

Legato: Notas articuladas ligadas, ou seja, sem intervalo entre estas.

Leitmotiv: Palavra usada especialmente para a obra de Wagner, que significa “motivo condutor, tema lento”.

Libreto: Texto de uma ópera.

Luthier: Fabricante de instrumentos.

Madrigal: Obra vocal polifônica a duas ou três vozes com livre composição.

Maestro: Diretor de um coro ou de uma orquestra.

Marcato: Símbolo para indicar que a nota deve ser acentuada.

Mazurca: Dança polaca.

Marcha harmônica: Sequência melódica repetida diversas vezes em alturas distintas.

Marcha: Estilo musical composto para marchar e geralmente executado por uma banda militar.

Melisma: É um enfeite (ornamento) utilizado para estender as sílabas de uma palavra em um determinado trecho musical.

Melodia: Encadeamento sucessivo e harmonioso de sons musicais.

Metronomo: Aparelho mecânico (ou digital) para regular o andamento da execução musical.

Mezzo soprano: Voz feminina intermédia.

Mezzo forte: Expressão italiana que significa uma intensidade média.

Missa: Musicalmente, é uma obra litúrgica em várias partes.

Moderato: Andamento moderado.

Modulação: Variação de altura dos sons para a modificação da tonalidade.

Monorritmia: Existência de um só ritmo numa peça.

Moteto: Composição pertencente ao gênero religioso sacro.

Motivo: O mais curto elemento ou ideia principal que caracteriza o tema de uma obra.

Música clássica: É a música que foi escrita no Período Clássico com desejo da perfeição artística.

Música concreta: Música produzida a partir de sons de objetos.

Música de câmara: Música destinada a uma pequena sala de concertos.

Música eletrônica: Realizada com sons produzidos e tratados por processos eletroacústicos.

Música programática: Música instrumental que conta uma história.

Naípe: Família dos instrumentos. Na orquestra temos cordas, madeiras, metais e percussão.

Neumático: Estilo – Canto em que a voz, para cada sílaba, entoa uma a quatro notas.

Notação: Conjunto de sinais convencionais utilizados para representar graficamente a duração, altura, ritmo e outros aspectos de uma obra musical.

Noturno: Obra caracterizada por um forte efeito contemplativo.

Oitava: Grau número 8 da escala. Som resultante de multiplicar por dois a frequência de um som.

Ópera Buffa: Ópera sobre um assunto cômico.

Ópera: Obra musical dramática em que alguns ou todos os papéis são cantados por atores.

Opus: Catalogação de obras.

Oratória: Gênero musical dramático extraído de um texto religioso.

Ornamentos: Embelezamento da melodia através de notas passageiras.

Orquestra: Conjunto de instrumentos ou instrumentistas executando uma obra musical.

Orquestração: Arte de distribuir as diferentes partes de uma composição pelos diversos instrumentos de uma orquestra.

Ostinato: Tema musical que se repete diversas vezes dentro da obra.

Padrão rítmico: Frase rítmica constituída por pequenos motivos que se repetem ao longo de uma obra musical.

Paixão: Gênero de cantata ou oratória religiosa que tem por assunto a Paixão de Cristo.

Partitura: Representação gráfica do conjunto dos sons e silêncios de uma obra.

Pasodoble: Dança espanhola.

Pausas: Intervalos entre os sons.

Pavana: Dança de origem espanhola, aristocrática e fina.

Pentagrama: Conjunto de cinco linhas com quatro espaços entre si para escrever as notas.

Pentatônico: Sistema que utiliza cinco sons da escala diatônica.

Percussão: Nome dado a uma família de instrumentos que são normalmente tocados batendo, raspando, agitando, sacudindo.

Pianíssimo: Som executado de grande suavidade.

Piano: Conjunto de sons tocados com pouca intensidade.

Pizzicato: Técnica de pinçar as cordas ao tocar.

Plectro: Tipo de palheta utilizada para tocar certos instrumentos de corda como a cítara, a lira e a balalaica.

Poema sinfônico: Composição orquestral afim da sinfonia.

Polifonia: Multiplicidade de diferentes sons reproduzidos em harmonia.

Politonalidade: Coexistência de várias tonalidades na mesma obra.

Portamento: Passagem gradual de uma nota a outra, que pode ser intencional ou acontecer por falta de conhecimento.

Prelúdio coral: Um tipo de peça para órgão baseada numa melodia coral.

Prelúdio: Uma introdução instrumental mais curta que uma abertura.

Prestíssimo: Andamento ainda mais rápido que o presto.

Presto: Significa andamento muito rápido.

Primo: Devolve uma peça ao andamento inicial.

Profana: Música que não é do tipo religioso.

Pulsação: Marcação regular de uma música.

Quarteto: Qualquer conjunto de quatro instrumentos ou quatro vozes.

Quinteto: Agrupamento de cinco músicos.

Ragtime: Música de dança dos negros norte-americanos.

Ralentando: Desaceleração do andamento da melodia.

Rapsódia: Composição com caráter de fantasia sobre temas preexistentes.

Recital: Concerto dado por um só intérprete ou um grupo reduzido. Recitativo.

Refrão, estribilho ou ritornelo: Sentença breve que aparece de forma mais evidente e várias vezes na obra.

Requiem: Missa fúnebre.

Reverberação: Processo acústico produzido como resultado da reflexão do som no solo.

Ricercar: Composição instrumental muito cultivada na música para alaúde.

Ritardando: Significa diminuição gradual do andamento.

Roda: Círculo que se forma para certas canções infantis.

Rondó: Dança de origem francesa.

Rufar: Cadencial de toques.

Rumba: Dança popular cubana de origem negra.

RV: Letras seguidas de um número que designam as obras de Antonio Vivaldi.

Saibara: Gênero musical desenvolvido na corte do Japão.

Salmo: Poema cantado retirado do Livro dos Salmos.

Saltarello: Antiga dança italiana de caráter saltitante.

Sarabanda: Proveniente do termo espanhol zombando. É uma forma de dança. Significa jogo, brinquedo.

Scherzo: Peça alegre e vibrante.

Schola Cantorum: Locução latina, ligada à Igreja Católica, que significa “grupo de cantores”.

Seguidilla: Canção e dança tradicional da Espanha, em ritmo vivo.

Semitom: Menor intervalo entre duas notas vizinhas.

Septeto: Formação ou obra para sete instrumentos ou vozes.

Serenata: Peça instrumental sem forma determinada.

Sexteto: Agrupamento de seis vozes ou instrumentos.

Silábico: Estilo – Canto em que a voz entoia cada sílaba com um som diferente.

Solfejo: Leitura cantada das notas de uma partitura musical.

Solo: Trecho musical executado por instrumento ou vocal com ou sem acompanhamento.

Som musical: É constituído por quatro elementos: timbre, intensidade, altura e duração.

Som: Resultado das vibrações de uma fonte sonora que se transmite em forma de onda.

Sonata: Música instrumental que é contrária à cantata (música vocal).

Soprano: Voz feminina no registo mais agudo.

Staccato: Notas de curta duração.

Suíte: Conjunto de fragmentos instrumentais independentes entre si, que se executam um após outro, formando um todo.

Sustenido: Altera a nota um semitom acima.

Swing: Nome dado a um estilo de Jazz e à fase com este relacionada da música popular americana.

Tarantela: Dança rápida, originária de Taranto, sul da Itália.

Tenor: Voz masculina no registo mais agudo.

Tercina: Célula rítmica que subdivide em três um tempo que normalmente se divide em dois.

Tessitura: Termo usado para descrever a parte de uma extensão vocal ou instrumental.

Tetracorde: Acorde formado por 4 sons.

Textura: Significa a quantidade de sons e timbres utilizados em determinada peça.

Tiento: Designa uma obra instrumental com carácter de improvisação.

Timbre: Qualidade do som que permite distinguir um instrumento do outro.

Tocata: Composição para instrumento de teclado, derivado do costume de os organistas preludiarem antes das execuções.

Tom: Intervalo formado por dois semitons.

Tonalidade: Base de composição de uma peça musical.

Tônica: A nota por onde começa uma escala diatônica. Define a tonalidade da frase ou tema em questão.

Transposição: Ato de passar uma música para notas mais agudas ou mais graves.

Triade: Acorde formado por 3 sons.

Trinado: Sequência de duas notas vizinhas tocadas alternadamente em alta velocidade.

Trítone: Intervalo de três tons.

Trovadores: Poetas líricos que floresceram no Sul da França.

Twist: Dança que surgiu nos anos 60 nos Estados Unidos.

Ukelele: Pequeno instrumento de 4 cordas parecido com uma guitarra.

Unísono: A mesma melodia executada por diversos instrumentos ou vozes.

Valsa: Dança em compasso ternário muito popular entre as danças de salão vienenses.

Variação: Forma de música instrumental em que se procura tirar partido de um determinado tema.

Vibrato: Ligeira ondulação provocada num som.

Virada da bateria: Quando o músico varia o ritmo musical com as outras partes (tons) do instrumento, intercalando entre caixa, tom e surdo.

Virtuosismo: Qualidade ou habilidade técnica para interpretação artística.

Vocalize: É um exercício vocal que consiste em cantar sobre uma ou mais vogais, várias linhas melódicas com notas especificamente arranjadas.

Vozes: Termo que pode ser aplicado aos instrumentos também referindo-se a uma melodia específica, por exemplo: o violino executa a segunda voz, ou seja, uma melodia diferente da que é executada pela primeira.

Xilofone: Instrumento de percussão que consiste em barras de madeira.



No centro, ilustração vertical de um saxofone. Desenho à mão em linhas pretas sobre fundo branco e mancha de aquarela aguada em tons de amarelo.

9. FRAGMENTO DE ROTEIRO E SENTENÇAS COM CLASSIFICAÇÕES

Para ilustrar a estruturação do roteiro parcial da dinâmica musical que deve ser elaborado pelo consultor musical, segue o roteiro da obra 2º Movimento da Sinfonia nº 6 – Sobre a Linha das Montanhas de Heitor Villa-Lobos. Em cada uma das sentenças, haverá a classificação quanto ao timbre, destaque, solo, acompanhamento, dinâmica, intensidade e termos técnicos.

HEITOR VILLA-LOBOS – Sinfonia nº 6 – Sobre a Linha das Montanhas

2º Movimento (Lento) 12 MIN

Link de referência: https://www.youtube.com/watch?v=gf_JJGHbn5Y

Glossário:

Graves: Nome dado aos sons com baixa frequência.

Melodia: Encadeamento sucessivo e harmonioso de sons musicais.

Solo: Trecho musical executado por instrumento ou vocal com ou sem acompanhamento.

Trinado: Sequência de duas notas vizinhas tocadas alternadamente em alta velocidade.

a) 06 55 Um suave solo do fagote

Timbre: fagote

Solo: fagote

Dinâmica: solo

Intensidade: suave

Técnicos: solo

b) 07 16 As cordas o acompanham com vigor

Timbre: cordas

Acompanhamento: cordas

Dinâmica: acompanham

Intensidade: vigor

Técnicos: cordas, acompanham

c) 07 29 As cordas intercalam com o fagote

Timbre: cordas, fagote

Destaque: cordas, fagote

Dinâmica: intercalam

Técnicos: cordas

d) 08 09 Lentamente as cordas vão conduzindo a melodia

Timbre: cordas

Destaque: cordas

Dinâmica: **lentamente**, conduzem a melodia

Técnicos: cordas, melodia

e) 08 21 Notas graves e marcantes permeiam a melodia das cordas

Timbre: cordas

Destaque: cordas

Dinâmica: **grave**, melodia

Intensidade: marcantes

Técnicos: notas, graves, melodia, cordas

f) 08 35 Os clarinetes incorporam à melodia

Timbre: clarinete

Destaque: clarinete

Dinâmica: incorporam, melodia

Técnicos: **melodia**

g) 09 15 As cordas executam um leve trinado

Timbre: cordas

Destaque: cordas

Dinâmica: trinado

Intensidade: leve

Técnicos: cordas, trinado



À esquerda, ilustração vertical de um piano. Desenho à mão em linhas pretas sobre fundo branco e mancha de aquarela aguada em tons de cinza.

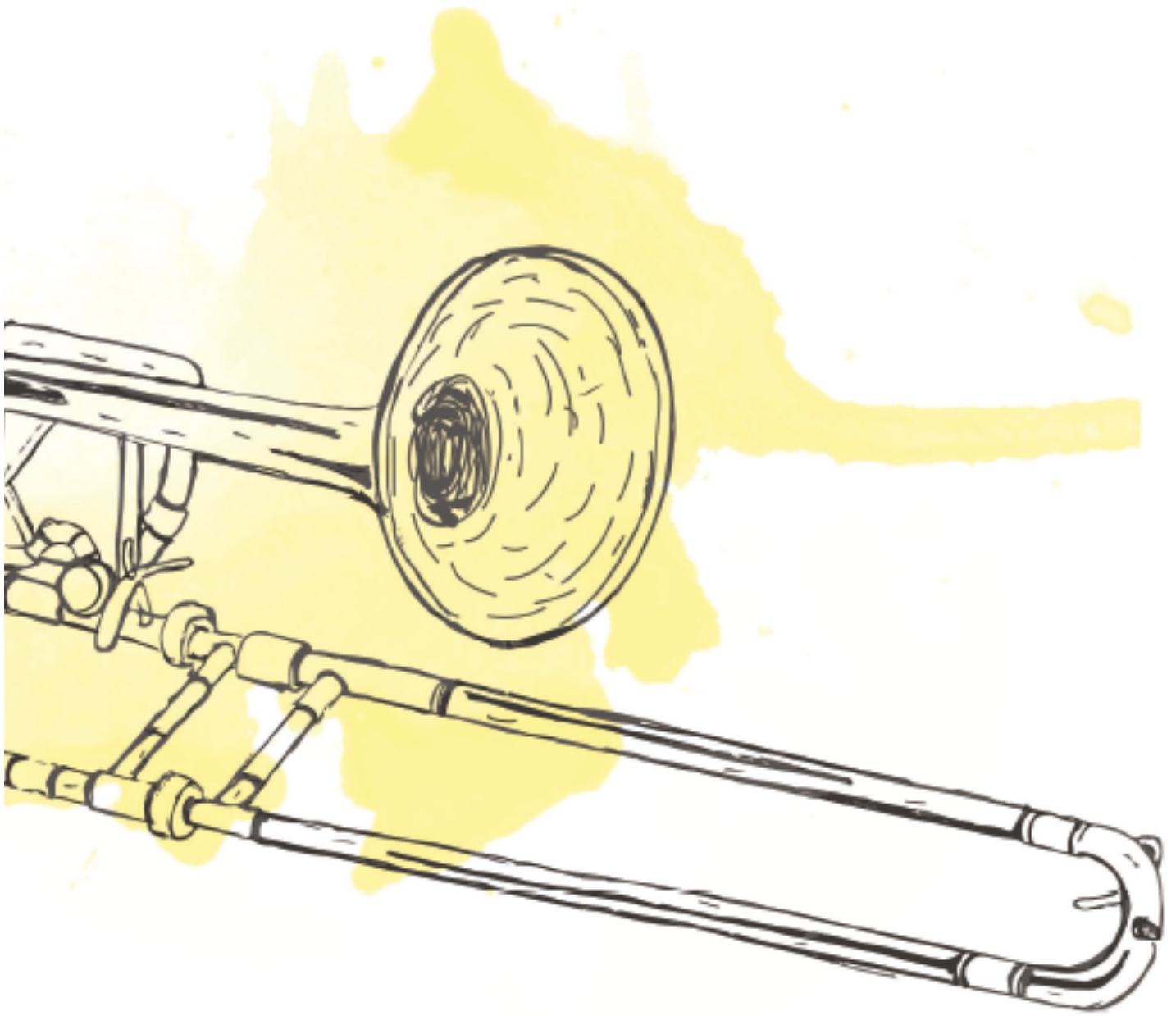
SOBRE O AUTOR

Felipe Monteiro iniciou seus estudos de música aos 8 anos de idade. Seu primeiro instrumento foi a flauta doce. Foi a partir daí que foi dado início a seu processo de musicalização. Como sempre era acompanhado por sua professora ao piano ou ao teclado. Em breve, interessou-se pelas teclas e iniciou os estudos de teclado. Anos mais tarde, partiu para os estudos do curso técnico de piano. Após os 13 anos do curso, ingressou na graduação de Tecnologia em Processamento de Dados. Na sequência cursou as graduações de Bacharelado em Piano e Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Música.

Durante 16 anos, lecionou aulas particulares de piano, teclado, flauta doce e teoria musical, até que prestou concurso público e se tornou diretor da escola de música Maestro Aniceto dentro da Fundação Casa de Cultura da cidade de Resende no interior do Estado do Rio de Janeiro. Nesta mesma época, iniciou trabalhos como professor de musicalização infantil no sistema privado de ensino enquanto cursava a graduação de Pedagogia.

Após se tornar uma pessoa com deficiência visual e conhecer o recurso da audiodescrição, iniciou seus estudos através de oficinas, cursos livres e de extensão até concluir a especialização em Tradução Audiovisual Acessível: Audiodescrição pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), e o curso de aperfeiçoamento em Audiodescrição na Escola pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Atualmente atua também como consultor em audiodescrição e está concluindo a especialização em Acessibilidade Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).



À esquerda, ilustração horizontal de um trombone. Desenho à mão em linhas pretas sobre fundo branco e mancha de aquarela aguada em tons de amarelo.

LEITURAS RECOMENDADAS

AMEAL, Líliam Cafiero. Arte, ciência e inclusão: a música e a musicoterapia em um fórum multidisciplinar de discussão e compartilhamento de experiências.

Interlúdio, ano 4, n. 6, 2016. Disponível em:

<https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/interludio/article/viewFile/1570/1135>. Acesso em: 28 maio 2019.

BRASIL. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.**

Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Decreto Legislativo n. 186, de 09 de julho de 2008: Decreto n. 6.949, de 25 de agosto de 2009. 4. ed., rev. e atual. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2011, 100 p. Disponível em:

<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/convencaoopessoacomdeficiencia.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2019.

BRASIL. **Lei n. 13.146, de 06 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 28 maio 2019.

CAMPBELL, L.; CAMPBELL, B.; DICKINSON, D. **Ensino e aprendizagem por meio das inteligências múltiplas:** inteligências múltiplas na sala de aula. Trad. Magda França Lopes. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CORREIA, Marcos Antonio. A função didático-pedagógica da linguagem musical: uma possibilidade na educação. **Educar**, Curitiba, n. 36, p. 127-145, 2010.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n36/a10n36.pdf>. Acesso em: 28 maio 2019.

GUERRER, B. L.; MENEZES, J. L. **Percepção musical em crianças autistas:** melhora de funções interpessoais. Disponível em:

<http://cienciasecognicao.org/neuroemdebate/>. Acesso em: 28 maio 2019.

LONDON BURNING. **Salas de concerto prestigiadas do Brasil.** Disponível em:

<http://londonburning.com.br/salas-de-concerto-prestigiadas-do-brasil/>. Acesso em: 28 maio 2019.

LOURO, Viviane dos Santos; ALONSO, Luís G.; ANDRADE, Alex F. Uma visão geral sobre as deficiências. In: LOURO, Viviane S.; ALONSO, Luís G.; ANDRADE, Alex F. **Educação musical e deficiência:** propostas pedagógicas. São José dos Campos: Editora do Autor, 2006.

MARTINS, José Eduardo. *A cultura musical erudita na universidade: refúgio, resistência e expectativas*. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 7, n. 18, p. 163-181, maio/ago. 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v7n18/v7n18a06.pdf>. Acesso em: 28 maio 2019.

MIANES, Felipe Leão; SOARES, Mariana Baieler. De espectador a protagonista: a pessoa com deficiência visual como consultora em audiodescrição. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, n. 12, 2012. Disponível em: <http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/viewArticle/154>. Acesso em: 02 abr. 2019.

MOLNAR-SZAKACS, I.; WANG, M. J.; LAUGESON, E. A.; OVER, K.; WU, W. L.; PIGGOT, J. Autism, emotion recognition and the mirror neuron system: the case of music. **McGill J Med**, v. 12, n. 2, p. 87-98, 2009.

MONTEIRO, Felipe Vieira. **Análise de lexias “tabus” na audiodescrição de imagens estáticas de sexo explícito no filme “A história da eternidade”**. UECE, 2018. TCC (Especialização em Tradução audiovisual acessível: audiodescrição) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

MOTTA, Livia Maria Vilela Melo; ROMEU FILHO, Paulo (Orgs.). **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.

NEVES, Josélia. **Guia da audiodescrição: imagens que se ouvem**. Leiria: Instituto Nacional para Reabilitação/Instituto Politécnico de Leiria, 2011.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação**. São Paulo: Mackenzie, 2002.

SÁ, Elizabete Dias. **A consultoria na prática da audiodescrição: a perspectiva dos consultores com deficiência visual**. UFJF, 2015. TCC (Especialização em Audiodescrição) – Faculdade de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

SANTOS, E.; LOURO, V. Inteligência, música e inclusão. In: LOURO, V. (Org.). **Música e inclusão: múltiplos olhares**. São Paulo: Som, 2016.

SILVA, Cesar Augustus Diniz. **A orquestra sinfônica enquanto campo de trabalho**: considerações sobre a gestão estatal. 2014. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/32841/a-orquestra-sinfonica-enquanto-campo-de-trabalho>. Acesso em: 28 maio 2019.

SILVA, Helena Lopes; ZILLE, José Antônio Baêta (Orgs.). **Música e Educação**. Série Diálogos com o Som. Barbacena: EdUEMG, 2015, 232 p.

SILVA, Manoela; BARROS, Alessandra. Formação de audiodescritores consultores: inclusão e acessibilidade de ponta a ponta. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 26, n. 50, p. 159-170, set./dez. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/4269>. Acesso em: 28 maio 2019.

SNYDER, Joel. **The visual made verbal**: a comprehensive training manual and guide to the history and applications of audio description. American Council of the Blind, Arlington, VA, 2014.

TAKAHASHI, Vanessa Fátima de Medeiros. **Influência das características arquitetônicas na qualidade acústica de salas de concerto**. Unicampi, 2010. 220 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

GUIA PARA A CONSULTORIA MUSICAL EM ROTEIROS
DE AUDIODESCRIÇÃO PARA CONCERTOS DE MÚSICA
INSTRUMENTAL ERUDITA

Editora: Marca Visual

Texto: Felipe Monteiro

Revisão: Letícia Corrêa Bitencourt Bianchi

Diagramação: Karoline Bieger

Ilustrações: Gabriela Peçanha

Projeto Gráfico

Eduardo Cardoso, Gabriela Peçanha,
Karoline Bieger, Isadora do Canto

Audiodescrição

Roteiro: Eduardo Cardoso
Consultoria: Felipe Monteiro

ISBN 978-85-61965-70-9

O texto deste livro obedece às normas
do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

M775g Monteiro, Felipe
Guia de consultoria musical para elaboração de roteiros de audiodescrição para concertos de música instrumental erudita./ Felipe Monteiro. – Porto Alegre: Marcavisual, 2019.
81 p.; il.

ISBN 978-85-61965-70-9

1. Música. 2. Audiodescrição: concerto. I. Título.

CDU 78.07

Cip – Catalogação na Publicação
Vanessa I. de Souza CRB10/1468

Papel Offset 90g/m²
Tipografia utilizada Frutiger
Junho de 2019

Audiodescrição: Na contracapa, sobre fundo cinza, ilustrações de vários instrumentos musicais dispersos livremente. São desenhados à mão apenas com o contorno em linhas pretas. No canto inferior direito o logo Marcavisual.

